

Sumário

| | |
|--|----|
| Língua Hebraica - Aspectos Históricos e Características | 2 |
| 1 Língua Hebraica: | 2 |
| 1.1 Todas as línguas semíticas são escritas da direita para a es | 2 |
| Língua Grega - Aspectos Históricos e Características | 28 |

Língua Hebraica: Aspectos Históricos e Características¹

Edson de Faria Francisco.
São Bernardo do Campo, abril de 2009.

Prólogo

O presente texto é dedicado a comentar determinados aspectos históricos e características da língua hebraica, principalmente sua evolução durante a época bíblica. Além disso, o texto comenta o hebraico dos manuscritos encontrados em Hīrbet Qumran e os sistemas de vocalização massorética. No apêndice, constam tópicos sobre a evolução histórica do alfabeto hebraico e sobre o hebraico samaritano.

1. Introdução: as Línguas Semíticas

A língua hebraica pertence ao grupo das línguas semíticas surgidas no Oriente Médio há vários séculos e que desempenharam um importante papel no desenvolvimento histórico e cultural das civilizações dessa região geográfica. A nomenclatura “língua semítica”, usada para designar cada uma das línguas surgidas na região do Oriente Médio, data desde 1781, possuindo relação com o personagem Sem (cf. Gn 10.21-31), um dos filhos de Noé, e que teria sido o ancestral dos povos de origem semita. Desde muitos anos, as línguas semíticas foram e continuam sendo objeto de estudos e debates entre diversos lingüistas, alguns dos quais as classificam nos seguintes grupos:²

Grupo nordeste (norte-oriental): acádico, assírio e babilônico.

Grupo noroeste (norte-ocidental): hebraico, hebraico samaritano, aramaico, siríaco, ugarítico, fenício, canaanita, moabita, edomita, púnico e nabateu.

Grupo meridional: árabe, etíope, sabeu e mineu.

Todas as línguas semíticas são escritas da direita para a esquerda, exceto o acádico e o etíope que são escritos da esquerda para a direita. Os alfabetos empregados em todas elas são consonantais e somente tardiamente surgiram os sinais para representarem fonemas vocálicos. Outra característica importante é o fato de que as raízes verbais são tric consonantais (três letras consoantes). Existem em cada uma das línguas semíticas várias construções verbais: o árabe, o acádico e o etíope possuem mais de 12 construções verbais, enquanto o hebraico e o aramaico possuem sete. Outra característica lingüística comum entre as línguas semíticas e o hebraico é a presença de determinados fonemas consonantais tais como פ, צ, כ, ג e ק.³

Algumas línguas semíticas desapareceram há tempos, como o acádico, o ugarítico, o fenício, o moabita, o assírio e o babilônico, enquanto outras são faladas, ainda, por pequenas

¹ Texto publicado em *Estudos de Religião* 21, Ano XV, dezembro, 2001, p. 165-195, sob o título “Características da Língua Hebraica: Hebraico Arcaico, Hebraico Pré e Pós-Exílico, Hebraico de Qumran e Hebraico Massorético de Tiberíades”. O presente texto é uma reelaboração atualizada, revisada e ampliada do referido texto publicado em 2001.

² Cf. Gesenius, 1980, p. 1980, p. 1-2; Joüon e Muraoka, 1993, p. 2-4; Kelley 1998, p. 429; Rabin, s.d., p. 25; Sáenz-Badillos, 1996, p. 10; Schramm e Schmitz, 1992, p. 204-205; Gordon, 1976, p. 393; Driscoll, 1910, p. 176; Trebolle Barrera, 1996, p. 68-69; Auvray, 1997, p. 11; VV.AA., 2000, p. 143-144 e Francisco, 2008a, p. 626. Atualmente, os estudiosos reconhecem como semíticas cerca de 70 línguas ou dialetos que possuem vários detalhes em comum entre si como a morfologia, a fonologia, a sintaxe e o vocabulário, cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 3.

³ Cf. Joüon e Muraoka, 1993, p. 8; Gesenius, 1980, p. 3; Kelley, 1998, p. 429 e Mackenzie, 1984, p. 550.

populações do Oriente Médio: o aramaico falado por cerca de 300 mil pessoas e o hebraico samaritano por algumas centenas (cerca de 300 pessoas). Outras tornaram-se línguas litúrgicas como o siríaco e o etíope, que são usadas por comunidades cristãs orientais (siríaco pelos cristãos nestorianos e jacobitas e etíope pelos cristãos etíopes). O árabe é a língua semítica mais falada hoje em dia por cerca de 150 milhões de falantes. O hebraico, depois de ressurgido desde o século XVI e como língua falada desde o século XIX, é hoje usado por cerca de mais de 5 milhões de pessoas no atual Estado de Israel.⁴

2. Os Períodos Históricos da Língua Hebraica

Assim como toda língua viva que se desenvolve e se modifica ao longo do tempo, também o hebraico sofreu alterações durante a sua evolução como idioma falado e escrito do povo judeu. Através dos séculos, sua morfologia, sua fonologia e seu vocabulário sofreram modificações, podendo ser percebidos através de muitos documentos antigos e modernos. Sáenz-Badillos e Rabin classificam e datam da seguinte forma os períodos históricos da língua hebraica:⁵

Hebraico arcaico: séc. XIII ao séc. X a.C.

Hebraico pré-exílico ou hebraico clássico: séc. X ao séc. VI a.C.

Hebraico pós-exílico ou hebraico tardio: séc. VI a.C. ao séc. II a.C.

Hebraico de Hīrbet Qumran: II a.C. ao séc. II d.C.

Hebraico rabínico ou hebraico talmúdico ou ainda neo-hebraico: séc. II ao séc. X d.C.

Hebraico medieval: séc. X ao séc. XV.

Hebraico moderno ou hebraico israelense: séc. XVI ao séc. XXI.

Todos os períodos históricos do hebraico demonstram evolução contínua e às vezes profunda em sua estrutura lingüística. Segundo os estudiosos, de todos os estágios mencionados acima, os três primeiros (arcaico, pré-exílico e pós-exílico) são considerados desenvolvimento do hebraico bíblico, fato que percebe-se ao longo da composição dos próprios livros da Bíblia Hebraica. Em relação às obras escritas em cada estágio da evolução do hebraico bíblico, pode-se mencionar algumas que são relevantes para se estudar o seu processo de desenvolvimento:⁶

Hebraico arcaico: Gênesis 49, Êxodo 15, Números 23 e 24, Deuteronômio 32 e 33, Juízes 5, Salmo 68 etc.

Hebraico pré-exílico ou **hebraico clássico:** o Pentateuco, Josué, Juízes, 1Samuel e 2Samuel, 1Reis e 2Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós, Oséias, Miquéias etc.

Hebraico pós-exílico ou **hebraico tardio:** Esdras, Neemias, 1Crônicas e 2Crônicas, Ester, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Daniel, Cântico dos Cânticos, Joel, Obadias, Ageu, Zacarias, Provérbios etc.

Hebraico de Hīrbet Qumran: o *pesher* de Habacuque, o Testamento dos Doze Patriarcas, a Regra da Associação, o Documento de Damasco, a Regra da Guerra, o Rolo do Templo etc.

Hebraico rabínico ou **hebraico talmúdico** ou **neo-hebraico:** a literatura tanaítica, a literatura amoraítica, a Mishná (a seção do Talmude escrita em hebraico) etc.

⁴ Cf. *Nova Enciclopédia Ilustrada Folha*, vol. 2, 1996, p. 877.

⁵ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 52, 68, 112, 130, 171, 203 e 267; Rabin, s.d., p. 36, 40, 48, 49, 53, 75 e 84 e Francisco, 2008a, p. 626.

⁶ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 56-57, 68-69, 115, 130, 166, 205, 219 e 267; Rabin, s.d., p. 36, 41, 42, 46, 47, 49, 53, 54, 73, 78, 79, 85 e 105 e Levias, 1916, p. 308.

Hebraico Medieval: comentários de rabinos como Rashi (rabino Salomão ben Isaque), Nahmânides (rabino Moisés ben Nahman de Gerona), Maimônides (rabino Moisés ben Maimon), Abraão ibn Ezra, Davi Qimhi de Narbonne, Saadia ha-Gaon, poemas de judeus espanhóis como Salomão ibn Gabirol, Judá ha-Levi, entre outros.

Hebraico moderno ou **hebraico israelense:** a literatura rabínica e israelense moderna em todas as áreas (poesia, história, ciência, educação etc.). Literatura rabínica: Jacob ben Hayyim e Elias Levita. Na poesia pode-se citar alguns nomes: Amós Oz, S. Y. Agnon, Nathan Alterman, Hayyim Nahman Bialik, Reuven Rubin, A. B. Yehoshua, entre outros.

3. O Hebraico Bíblico: Aspectos Gerais

A Bíblia Hebraica foi composta entre o século XII e II a.C. e seus livros refletem mais de um estágio na evolução da língua hebraica durante o período bíblico. Percebe-se, ainda, a presença de dois dialetos empregados em seus textos (o dialeto de Judá [judaíta ou sulista] e o de Israel [israelita ou nortista]).⁷ O vocabulário bíblico possui muitas palavras relacionadas ao campo da religião, da moral e da emoção, além de palavras relacionadas à vida diária, a animais domésticos, a utensílios domésticos etc.⁸ O vocabulário da Bíblia Hebraica é relativamente limitado, compreendendo um pouco mais de 8.000 vocábulos, dos quais 2.000 são palavras ou expressões que ocorrem uma única vez ao longo de seu texto. Tais casos são denominados *hapax legomenon* (gr. ἅπαξ λεγόμενον, contado ou dito uma só vez; pl. ἅπαξ λεγόμενα, contados ou ditos uma só vez). Os massoretas, por sua vez, também assinalavam os casos de *hapax legomenon* presentes no texto bíblico por meio da anotação ל, a qual é a abreviatura do item terminológico massorético לית (aram. lit. não há, não existe, não tem, nada, não).⁹

De acordo com os estudos realizados sobre os *hapax legomenon* no texto bíblico hebraico, Greenspahn afirma que a maior concentração deles encontra-se nos seguintes livros bíblicos (em ordem de quantidade): Jó, Cântico dos Cânticos, Isaías, Provérbios, Naum, Lamentações e Habacuque. Por outro lado, os livros bíblicos que apresentam um menor registro de *hapax legomenon* são (em ordem de quantidade): 1Crônicas, 2Crônicas, 1Reis, 2Reis, Josué, Êxodo, 1Samuel e 2Samuel. Greenspahn classifica os casos de palavras e expressões únicas em dois grupos: os hápax parciais e os hápax absolutos. O primeiro grupo é relacionado a situações de palavras ou expressões realmente únicas, sem outras formas iguais ou similares, por exemplo, o substantivo masculino singular שָׂבֵל (hebr. vestido, saia), em Isaías 47.2. O segundo grupo é relacionado a formas ortográficas ou gramaticais únicas, mas que possuem outras formas similares, por exemplo, a expressão verbal no infinitivo construto אָכַל (hebr. comer), em Deuteronômio 12.23.¹⁰

O hebraico é uma língua semítica norte-ocidental, pertencente ao grupo cananeu, surgida na Palestina, entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo, durante a segunda metade do segundo milênio a.C. Após as tribos israelitas se estabelecerem em Canaã, no século XIII a.C., adotaram a língua local dos cananeus, isto é, o canaanita do qual surgiu, posteriormente, o hebraico. Os ancestrais dos israelitas eram provavelmente arameus e falavam uma antiga forma

⁷ Cf. Trebolle Barrera, 1996, p. 75 e Gottwald, 1988, p. 88.

⁸ Cf. Kelley, 1998, p. 426; Sáenz-Badillos, 1996, p. 5 e 53; Rabin, s.d., p. 16; Blau, 1972, col. 1583; VV.AA., 2000, p. 47; Greenspahn, 1980, p. 8-9; Sanders, 1979, p. 17 e Driscoll, 1910, p. 177.

⁹ Cf. BHS, p. LV; Yéivin, 1980, p. 65-66 e 96-97; idem, 2003, p. 62-63 e 80-81; Tov, 2001, p. 73; Brotzman, 1994, p. 102; Würthwein, 1995, p. 28; Kelley, Mynatt e Crawford, 1998, p. 47, 124, 125 e 127; Scott, 1995, p. 14 e 42 e Francisco, 2008a, p. 625.

¹⁰ Cf. Greenspahn, 1980, p. 10. Cf. também Francisco, 2008a, p. 625.

de aramaico (cf. Gn 31.47 e Dt 26.5).¹¹ No texto bíblico, o idioma dos israelitas nunca é nominado “hebraico”, mas שְׂפַת כְּנַעַן (língua de Canaã, cf. Is 19.18) e יְהוּדִית (judaico, cf. Is 36.11, 13; 2Rs 18.26, 28; Ne 13.24 e 2Cr 32.18) denotando, assim, ser o “idioma oficial” de Judá e de Jerusalém e utilizado como forma padrão de linguagem para composição de textos.¹²

Na época de dominação grega sobre a Palestina (séc. IV-II a.C.), a língua era denominada ἑβραϊκός (hebraico) ou ἑβραϊκή (hebraico). No período de domínio romano (séc. II a.C.-II d.C.), era designada עִבְרִית (hebraico) ou לְשׁוֹן עִבְרִית (língua hebraica) pelos próprios judeus e *hebraeum* e *hebraicus* em latim. No período de desenvolvimento da literatura talmúdica (séc. III-VI), era denominada לְשׁוֹן הַקֹּדֶשׁ (língua sagrada) pelos rabinos tanaítas. No Talmude consta a forma עִבְרִית (hebraico) para designar a língua hebraica (cf. *Kiddushin* 1.2). Flávio Josefo, em suas obras, utiliza as locuções γλῶσσα τῶν Ἑβραίων (língua dos hebreus) e ἑβραϊστί (em hebraico) para designar tanto o hebraico quanto o aramaico. A expressão ἑβραϊστί é usada no Eclesiástico para denotar o hebraico (cf. Eclo, prólogo 20), todavia, no Novo Testamento, é utilizada para designar o aramaico (cf. Lc 23.38; Jo 5.2; 19.13, 17, 20; 20.16; At 21.40 e 26.14). Segundo os eruditos, havia duas principais variantes dialetais hebraicas durante a época bíblica: o dialeto do norte (reino de Israel), denominado “israelita” ou “nortista” e o dialeto do sul (reino de Judá), designado “judaita” ou “sulista”. Além desse fato, percebe-se que havia variação de pronúncia entre os diversos grupos israelitas, como é possível perceber por meio da narrativa de Juízes 12.6, na qual os efraimitas pronunciavam o vocábulo “espiga” como שְׂבַלָּת e os gileaditas como סְבַלָּת.¹³

4. Hebraico Arcaico

Textos: Gn 49, Êx 15, Nm 23 e 24, Dt 32 e 33, Jz 5, 1Sm 2.1-10, Sl 18, Sl 19, Sl 29, Sl 68 etc.¹⁴

Os textos bíblicos citados acima apresentam composição muito antiga, alguns dos quais datam do século XII a.C., como Êxodo 15 e Juízes 5, enquanto outros, provavelmente, surgiram na época da monarquia unida em Israel (séc. XI-X a.C.), como o Salmo 18 e o Salmo 68. Todos os textos são poéticos, os quais eram transmitidos oralmente de geração em geração e, posteriormente, foram colocados por escrito. Os estudiosos classificam a linguagem dos textos mencionados de hebraico arcaico, o qual foi utilizado nas primeiras composições da Bíblia Hebraica.¹⁵ Segundo os eruditos, o primeiro texto bíblico a ser composto teria sido Juízes 5 (o Cântico de Débora), composto, provavelmente, por volta de 1125 a.C., logo após os acontecimentos ali relatados.¹⁶

Em geral, a poesia hebraica arcaica possui muitos elementos próprios, sendo possível destacar alguns exemplos, como o uso de determinadas raízes verbais e um vocabulário típico

¹¹ Cf. Levias, 1916, p. 306; Jeffery, 1962, p. 553; Schramm e Schmitz, 1992, p. 205; Gordon, 1976, p. 392; Driscoll, 1910, p. 177; Kelley, 1998, p. 428; Bright, 1980, p. 113-116 e Francisco, 2008a, p. 625-626.

¹² Cf. Gesenius, 1980, p. 8; Blau, 1972, col. 1569; Levias, 1916, p. 306; Cohen, 1948, p. 276; Kelley, 1998, p. 428; Mackenzie, 1984, p. 551; Treballe Barrera, 1996, p. 69; Rabin, s.d., p. 44; Sáenz-Badillos, 1996, p. 1 e 68; Jeffery, 1962, p. 553; Schramm e Schmitz, 1992, p. 203; Gordon, 1976, p. 392; Driscoll, 1910, p. 176; Gottwald, 1988, p. 19 n. 2 e Francisco, 2008a, p. 626.

¹³ Cf. Joüon e Muraoka, 1993, p. 11; Gesenius, 1980, p. 8; Blau, 1972, col. 1569; Levias, 1916, p. 306; Jeffery, 1962, p. 553; Schramm e Schmitz, 1992, p. 203-205; Cohen, 1948, p. 276; Gordon, 1976, p. 392; Driscoll, 1910, p. 176 e Francisco, 2008a, p. 626.

¹⁴ Cf. Sellin e Fohrer, 1978, p. 416, 417 e 421.

¹⁵ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 56; Schramm e Schmitz, 1992, p. 205 e Gordon, 1976, p. 392.

¹⁶ Cf. Rabin, s.d., p. 36-37; Sáenz-Badillos, 1996, p. 57; Mackenzie, 1984, p. 221; Gottwald, 1988, p. 241; Bright, 1980, p. 188; Sellin e Fohrer, 1983, p. 293-294 e Johnson, 1995, p. 27.

do hebraico nos séculos XII a.C. ao século X a.C. Os itens lexicográficos listados abaixo são exemplos do hebraico arcaico em comparação ao estágio seguinte, o hebraico pré-exílico:¹⁷

| vocábulos | hebraico arcaico | hebraico pré-exílico |
|-----------------------|-------------------------|-----------------------------|
| não | בֹּל (cf. Is 14.21) | לֹא (cf. Êx 33.3) |
| quem? | מִן (cf. Dt 33.11) | מִי (cf. Êx 3.11) |
| YHWH | יְהוָה (cf. Êx 15.2) | יְהוָה (cf. Gn 2.4) |
| homem | אָנוּשׁ (cf. Dt 32.26) | אָדָם (cf. Gn 2.7) |
| homem | גִּבּוֹר (cf. Sl 18.26) | אָדָם (cf. Gn 2.20) |
| comida | טָרֶף (cf. Gn 49.9) | אֶקֶל (cf. Jl 1.16) |
| grande | כְּבִיר (cf. Is 16.14) | גָּדוֹל (cf. Os 2.2) |
| ouro | פֶּז (cf. Sl 21.4) | זָהָב (cf. Êx 20.20) |
| ouro | חֶרוֹץ (cf. Sl 68.14) | זָהָב (cf. Ag 2.8) |
| vinho | חֶמֶר (cf. Am 5.11) | יַיִן (cf. Gn 9.21) |
| príncipes | רוֹזְנִים (cf. Jz 5.3) | שָׂרִים (cf. 1Cr 15.9) |
| campo | שָׂדֵי (cf. Dt 32.13) | שָׂדֵה (cf. Gn 27.27) |
| caminho | אֶרֶח (cf. Sl 19.6) | דֶּרֶךְ (cf. Ez 47.2) |
| palavra, dito | אָמַר (cf. Sl 68.12) | דִּבֶּר (cf. 2Sm 15.36) |
| palavra | מִלָּה (cf. Sl 139.4) | דִּבָּר (cf. 1Rs 2.14) |
| este, isto | זוֹ (cf. Os 7.16) | זֶה (cf. Ec 4.8) |
| | | |
| raízes verbais | hebraico arcaico | hebraico pré-exílico |
| fazer | פָּעַל (cf. Êx 15.17) | עָשָׂה (cf. Pv 23.5) |
| caminhar | צָעַד (cf. Jz 5.4) | הִלָּךְ (cf. Is 50.10) |
| criar | קָנָה (cf. Gn 49.30) | בָּרָא (cf. Gn 1.1) |
| vir | אָתָה (cf. Dt 33.2) | בּוֹא (cf. Gn 43.25) |
| ouvir | אָזַן (cf. Êx 15.26) | שָׁמַע (cf. Dt 6.4) |
| julgar | דִּין (cf. Dt 32.26) | שָׁפַט (cf. Gn 16.5) |
| ferir | מָחַץ (cf. Nm 24.17) | נָכַח (cf. Êx 7.25) |
| plantar | שָׁתַל (cf. Ez 17.22) | נָטַע (cf. Gn 2.8) |
| brilhar | נָגַה (cf. Sl 18.29) | אֹר (cf. Êx 13.21) |
| conhecer | שָׁעַר (cf. Dt 32.17) | יָדַע (cf. Êx 1.8) |
| irritar-se | זָעַם (cf. Nm 23.8) | כָּעַס (cf. Ez 16.42) |
| ver | חָזָה (cf. Nm 24.4,16) | רָאָה (cf. Êx 3.7) |

Muitas palavras listadas acima tendem a não aparecerem mais nos textos em prosa do hebraico pré-exílico (algumas vezes podem aparecer ocasionalmente) e tendem, também, a se concentrarem nos antigos textos poéticos bíblicos mencionados. Uma grande parte do vocabulário do hebraico arcaico é constituída por palavras raras e arcaicas e, além disso, aparecem uma única vez no texto bíblico, constituindo, assim, situações de *hapax legomenon*.¹⁸

Segundo os estudiosos, os textos poéticos compostos na antiga forma do hebraico bíblico são de procedência do reino de Israel, apresentando influência de povos vizinhos e de

¹⁷ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 57-61; Joüon e Muraoka, 1993, p. 11-12; Gesenius, 1980, p. 15; Gordon, 1976, p. 392 e Seow, 1995, p. 157.

¹⁸ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 61.

suas literaturas. Os textos em hebraico arcaico demonstram, também, que havia diferenças entre a linguagem literária e a linguagem falada no cotidiano pelo povo israelita.¹⁹

5. Hebraico Pré-Exílico ou Hebraico Clássico

Textos: Pentateuco, Js, Jz, 1Sm, 2Sm, 1Rs, 2Rs, Is (cap. 1 a 39), Jr, Ez, Am, Os, Mq, Na, Hab, Sf, Sl 2, Sl 20, Sl 21, Sl 28, Sl 30, Sl 31, Sl 44, Sl 45, Sl 56, Sl 61, Sl 78, Sl 80, Sl 82, Sl 89, Sl 101, Sl 110, Sl 132, Sl 144 etc.²⁰

A maior parte dos livros da Bíblia Hebraica foi composta no período que antecede o exílio babilônico ocorrido a partir de 586 a.C. e tal época compreende o século X ao VI a.C., isto é, entre a época da monarquia unida (séc. X a.C.) e entre a queda do reino de Judá (séc. VI a.C.). A linguagem desses escritos difere, substancialmente, daquela que foi descrita anteriormente, o hebraico arcaico. O estágio evolutivo da língua hebraica ocorrido entre o século X a.C. e o século VI a.C., é conhecido como hebraico pré-exílico ou hebraico clássico, denominações adotadas pelos estudiosos.²¹

A linguagem do hebraico pré-exílico assinala o auge de desenvolvimento da língua hebraica no período bíblico e também coincide com o apogeu da vida política, social, cultural, espiritual e econômica do povo israelita desde sua entrada na Palestina ocorrida no século XIII a.C. O início do hebraico pré-exílico dá-se no período de surgimento da monarquia unida com Saul, Davi e Salomão (séc. XI e X a.C.). Essa época marca, igualmente, o início da composição sistemática dos livros bíblicos, os quais refletem a tradição e a experiência religiosa do povo de Israel com a fé monoteísta, como as tradições históricas relacionadas ao período patriarcal, ao Êxodo, à conquista de Canaã, à época dos juízes e à época da monarquia.²²

O hebraico pré-exílico alcançou tão elevada perfeição de linguagem e de composição que serviu sempre de modelo para os outros estágios posteriores do hebraico, como o hebraico pós-exílico e o hebraico de Hīrbet Qumran. Uma questão que é discutida pelos eruditos é saber até que ponto a linguagem dos livros bíblicos pré-exílicos reflete o falar cotidiano do povo israelita. O que pode ser provável é que a linguagem do hebraico pré-exílico era uma forma de composição literária típica dos escribas da corte, os quais padronizaram e fixaram as regras de uma literatura em língua culta e acabaram por desenvolver uma linguagem oficial.²³

Rabin afirma que a linguagem do hebraico pré-exílico reflete o dialeto próprio de Jerusalém e arredores, mas alguns livros como o de Oséias e o de Amós, por exemplo, refletem o dialeto falado no reino de Israel que conservou a linguagem da época da monarquia unida sob Davi e Salomão (séc. XI e X a.C.). Todavia, a linguagem predominante nos livros bíblicos escritos antes do exílio babilônico é a de Jerusalém. O mesmo erudito informa, ainda, que o hebraico pré-exílico tinha se tornado uma linguagem unificada e padronizada já na época de Salomão (961-922 a.C.), tendo sido elaborada, provavelmente, na capital, Jerusalém. Tal linguagem teria sido utilizada, também, pelos sacerdotes do Templo de Jerusalém e pelos escribas profissionais da corte, e como tal, conservava rigidamente o padrão literário, mantendo distanciamento da língua falada.²⁴

Alguns destaques lingüísticos mais relevantes do hebraico pré-exílico são exemplificados a seguir:

¹⁹ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 56, 61 e 62 e Rabin, s.d., p. 37.

²⁰ Cf. Sellin e Fohrer, 1978, p. 414-429.

²¹ Cf. Rabin, s.d., p. 40 e 45; Sáenz-Badillos, 1996, p. 71 e Schramm e Schmitz, 1992, p. 206.

²² Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 68; Joüon e Muraoka, 1993, p. 11 e Rabin, s.d., p. 46.

²³ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 68 e Rabin, s.d., p. 40 e 46.

²⁴ Cf. Rabin, s.d., p. 40-46.

O uso mais freqüente do pronome relativo אֲשֶׁר (que, cf. Gn 5.29; Êx 9.18; Js 6.17; Jz 6.25).

O uso mais freqüente da conjunção *waw* conversiva que modifica o tempo de uma expressão verbal: וַיֹּאמֶר (e disse, cf. Jz 10.11), וַיֵּצֵא (e saiu, cf. Êx 2.11), וַיְדַבֵּר (e falou, cf. Nm 8.1), וַיֶּהְבֶּתָּ (e amarás, cf. Dt 6.5), וַיִּשְׁמֹרְתָּ (e guardarás, cf. Dt 6.11), וַיְכַפֵּרְתָּ (e calafetarás, cf. Gn 6.14).

O uso constante da preposição separável אֶל- (para, em direção a) ao invés da preposição inseparável לְ: אֶל-דָּוִד (para Davi [comum nos livros de Samuel e de Reis, cf. 1Sm 16.13; 17.33; 2Sm 4.8; 5.1; 1Rs 5.19; 8.18; 2Rs 21.7]); לְדָוִד (para Davi [comum nos livros das Crônicas], cf. 1Cr 18.2; 19.5; 21.18; 2Cr 2.11; 3.1; 6.17).

Ortografia defectiva de determinados nomes próprios como דָּוִד (Davi), comum nos livros de Samuel e de Reis (cf. 1Sm 26.5; 2Sm 16.11; 1Rs 1.13; 2Rs 22.2) ao invés da grafia plena דָּוִיד (Davi), comum nos livros das Crônicas (cf. 1Cr 16.2; 2Cr 5.1).²⁵

O uso mais freqüente do pronome pessoal אֲנִי (eu, cf. Nm 23.15; 1Sm 18.18; 2Rs 4.13; Jr 1.6) ao invés de אָנִי (eu, cf. Zc 8.11; Rt 1.21; Lm 1.16; Ne 1.8).

O uso mais freqüente da conjunção כִּי (pois, portanto, cf. Jz 20.36; 1Rs 18.10; Is 6.5; Jr 51.12).

O uso muito freqüente da expressão וַיְהִי (e aconteceu que, e houve que) no início das narrativas dos textos em prosa (cf. Gn 42.35; Êx 13.17; Js 24.29; 2Sm 13.1; 1Rs 14.6; Is 7.1).

Maior resistência a estrangeirismos, isto é, a recusa de se empregar vocábulos que não fosse de procedência hebraica na composição dos textos bíblicos pré-exílicos.

Resistência a semelhanças com o aramaico.

Coesa uniformidade textual em quase todos os textos do período pré-exílico.

Predominância do dialeto próprio de Jerusalém e arredores nos textos bíblicos.

Vocabulário limitado e uniformizado.

Segundo Sáenz-Badillos, a estrutura consonantal dos textos bíblicos compostos no período pré-exílico é, satisfatoriamente, preservada pela tradição manuscrita. Em relação à vocalização, o mesmo estudioso afirma que há, certamente, consideráveis diferenças entre a pronúncia do hebraico desse período e entre aquela fixada pelos massoretas 15 séculos mais tarde. O sistema de vocalização massorética, de acordo com o referido estudioso, também

²⁵ De acordo com os estudos de Andersen e Forbes a grafia defectiva do nome Davi nos dois livros de Samuel chega a 575 vezes, nos dois livros dos Reis 93 vezes e nenhuma vez nos dois livros das Crônicas, em Esdras e em Neemias. Por outro lado, a grafia plena do referido nome bíblico masculino chega 271 vezes nos livros bíblicos pós-exílicos mencionados contra somente três vezes nos livros dos Reis e nenhuma vez nos livros de Samuel, cf. Andersen e Forbes, 1986, p. 4-7.

reflete o ponto-de-vista dos próprios massoretas e, em seu sistema, há “evidente influência do aramaico e de uma desmedida reconstrução subjetiva”.²⁶

6. Hebraico Pós-Exílico ou Hebraico Tardio

Textos: Ed, Ne, 1Cr, 2Cr, Is 40-66, Ag, Zc, Ab, Ml, Jn, Jl, Jó, Pv, Rt, Ct, Dn, Est, Ecl, Sl 1, Sl 8, Sl 9, Sl 10, Sl 12, Sl 14, Sl 16, Sl 23, Sl 25, Sl 32, Sl 33, Sl 34, Sl 36, Sl 37, Sl 40, Sl 41, Sl 46, Sl 47, Sl 48, Sl 49, Sl 50, Sl 51, Sl 52, Sl 55, Sl 58, Sl 62, Sl 66, Sl 67, Sl 69, Sl 71, Sl 73, Sl 75, Sl 76, Sl 79, Sl 83, Sl 84, Sl 85, Sl 86, Sl 87, Sl 88, Sl 90, Sl 92, Sl 93, Sl 94, Sl 95, Sl 96, Sl 97, Sl 98, Sl 99, Sl 100, Sl 102, Sl 103, Sl 104, Sl 105, Sl 106, Sl 107, Sl 111, Sl 112, Sl 113, Sl 114, Sl 115, Sl 116, Sl 117, Sl 119, Sl 121, Sl 122, Sl 123, Sl 124, Sl 125, Sl 126, Sl 128, Sl 129, Sl 130, Sl 131, Sl 132, Sl 133, Sl 135, Sl 136, Sl 137, Sl 138, Sl 140, Sl 141, Sl 143, Sl 145, Sl 146, Sl 147, Sl 148, Sl 149, Sl 150 etc.²⁷

Depois do exílio babilônico a língua hebraica sofreu modificações em sua estrutura lingüística e os livros que foram escritos na época exílica e pós-exílica refletem um novo estágio. Os estudiosos denominam a linguagem dos livros bíblicos pós-exílicos de hebraico pós-exílico ou hebraico tardio, o qual é o estágio seguinte ao hebraico utilizado na composição dos livros da Bíblia Hebraica escritos antes do exílio babilônico. Sáenz-Badillos afirma que o hebraico pós-exílico representa a língua da maioria dos livros bíblicos.²⁸

No período do exílio babilônico e em época posterior os judeus começaram a falar o aramaico em suas relações com seus dominadores e com as nações vizinhas. O aramaico era uma língua semítica muito próxima ao hebraico e, na época do domínio assírio (período recente, séc. IX-VII a.C.), neobabilônico (séc. VII-VI a.C.) e persa (séc. VI-IV a.C.), tinha se tornado o idioma internacional do comércio e das relações diplomáticas. Parcela significativa das populações do Oriente Médio falava a língua aramaica como na Síria, na Babilônia e na Assíria.²⁹

Quando os judeus retornaram de seu exílio na Babilônia por ordem do rei Ciro da Pérsia (538 a.C.), na mesma época em que ocorreram as atividades de Esdras, Neemias e dos profetas Ageu e de Zacarias, o aramaico tinha se tornado língua comum de comunicação entre os exilados judeus e, além dessa língua, também uma forma popular de hebraico que séculos mais tarde se tornaria o hebraico rabínico ou hebraico talmúdico.³⁰

Ao contrário do se imagina, o hebraico não tinha desaparecido como idioma falado no cotidiano pelos judeus na época do domínio babilônico e persa. Tal fato pode ser demonstrado por meio de vários livros da Bíblia Hebraica compostos após o exílio babilônico e outros documentos desse período em diante, como as cartas de Bar Kokhba (132-135 d.C.), os comentários rabínicos como os de Hillel e os de Shammai (séc. I a.C.), os escritos na comunidade de Hīrbet Qumran, entre outros. Provavelmente, na região sul da Palestina, conhecida como Judéia, era muito comum o uso do hebraico nas relações diárias entre os judeus, enquanto na Galiléia e na Samaria o aramaico era o mais utilizado.³¹

Uma das características do hebraico pós-exílico é a evidente influência do aramaico, da linguagem popular hebraica e o uso de alguns elementos do hebraico pré-exílico na

²⁶ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 69-70.

²⁷ Cf. Sellin e Fohrer, 1978, p. 414-429.

²⁸ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 112-113. Cf. também Schramm e Schmitz, 1992, p. 206.

²⁹ Cf. Gesenius, 1980, p. 16-17; Joüon e Muraoka, 1993, p. 11; Rabin, s.d., p. 46; Sáenz-Badillos, 1996, p. 112; Treballe Barrera, 1996, p. 79; Gottwald, 1988, p. 78; Mackenzie, 1984, p. 68 e Vv.AA., 2000, p. 22.

³⁰ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 113-114; Joüon e Muraoka, 1993, p. 10 e Gesenius, 1980, p. 16.

³¹ Cf. Rabin, s.d., p. 48; Joüon e Muraoka, 1993, p. 10; Sáenz-Badillos, 1996, p. 113; Gordon, 1976, p. 392; Treballe Barrera, 1996, p. 76; Bright, 1980, p. 560 e Mackenzie, 1984, p. 550-551.

composição dos livros bíblicos pós-exílicos. Em relação à influência aramaica no hebraico pós-exílico, encontram-se no mesmo abundantes aramaismos, como pode-se perceber nos livros de Esdras, Neemias, Daniel, Jó, Crônicas, Ester, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Por outro lado, determinados livros como Rute, Lamentações e bom número de salmos, de escritos proféticos e de escritos sapienciais não foram afetados pelo aramaico. Além do vocabulário, o aramaico também influenciou a sintaxe e a morfologia do hebraico pós-exílico. De acordo com Joüon e Muraoka, os livros bíblicos mais representativos do hebraico pós-exílico são Eclesiastes, Ester, Esdras, Neemias e Crônicas.³²

Durante o período pós-exílico, o hebraico pré-exílico continuou a ser usado como modelo e como inspiração literária para os escritores bíblicos, como pode-se constatar em determinados textos bíblicos, como Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Daniel e vários salmos. Segundo os estudiosos, constata-se que os autores dos livros bíblicos mencionados e dos textos de H̄irbet Qumran teriam imitado o estilo e o vocabulário do hebraico como encontrado no texto do Pentateuco.³³

Segundo os eruditos, além de livros bíblicos tardios, o hebraico pós-exílico foi, também, o idioma utilizado na composição de alguns livros apócrifos, pseudépígrafos, apocalípticos e dos manuscritos de H̄irbet Qumran. Esse fato demonstra que o hebraico não havia deixado de existir como língua viva e, em virtude disso, passava por transformações internas comuns em uma linguagem usada constantemente.³⁴

Segundo Sáenz-Badillos, de todos os livros bíblicos pós-exílicos, os das Crônicas são os mais instrutivos em demonstrar de como era o hebraico pós-exílico e seus traços diferenciais em relação ao hebraico pré-exílico. Uma das características dos livros das Crônicas, como de outros livros pós-exílicos, é o constante uso de grafias plenas e das *matres lectionis* (lat. lit. “mães de leitura”/“auxiliares de leitura”, isto é, consoantes que servem também como fonemas vocálicos como א, ה, י e ו)³⁵ e a substituição de formas arcaicas por outras mais novas.³⁶ Os destaques seguintes exemplificam algumas unidades léxicas hebraicas registradas em livros bíblicos pré-exílicos em comparação com os seus cognatos encontrados nos livros bíblicos pós-exílicos (observar, principalmente, os exemplos encontrados nos livros das Crônicas em comparação com aqueles encontrados nos livros de Samuel e de Reis):³⁷

| vocábulos | hebraico pré-exílico | hebraico pós-exílico |
|-------------------------|---------------------------|-----------------------------|
| reino | מַמְלָכָה (cf. 1Rs 18.10) | מַלְכוּת (cf. 1Cr 29.25) |
| Damasco | דַּרְמֶשֶׁק (cf. Is 7.8) | דַּרְמֶשֶׁק (cf. 2Cr 28.23) |
| eu | אֲנִי (cf. Gn 7.4) | אֲנִי (cf. Ec 2.14) |
| diante de, por causa de | מִפְּנֵי (cf. Lv 19.32) | מִלְּפָנַי (cf. Ec 8.13) |
| como? | אֵיךְ (cf. Gn 44.34) | הֵיךְ (cf. Dn 10.17) |
| Páscoa | פֶּסַח (cf. Dt 16.2) | פֶּסְחָיִם (cf. 2Cr 35.9) |
| para, em direção a | אֶל- (cf. 1Sm 9.26) | לְ (cf. 1Cr 10.11) |
| alegria | שִׂמְחָה (cf. Ez 3.13) | חֵדְוָה (cf. Ne 8.10) |

³² Cf. Blau, 1972, col. 1572 e 1583; Rabin, s.d., p. 49; Sáenz-Badillos, 1996, p. 112-115; Joüon e Muraoka, 1993, p. 11; Schramm e Schmitz, 1992, p. 206; Levias, 1916, p. 308 e Cohen, 1948, p. 277.

³³ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 112-114; Joüon e Muraoka, 1993, p. 10-11 e Levias, 1916, p. 308.

³⁴ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 115-116 e Bright, 1980, p. 560.

³⁵ Cf. Blau, 1972, col. 1570 e 1572; Brotzman, 1994, p. 40; Tov, 2001, p. 221; Andersen e Forbes, 1986, p. 32 e 55; Treballe Barrera, 1996, p. 69-70; Kelley, 1998, p. 430; Auvray, 1997, p. 15; Seow, 1995, p. 7 e Ginsburg, 1966, p. 299.

³⁶ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 116-117 e Andersen e Forbes, 1986, p. 60-62.

³⁷ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 117-127 e Blau, 1972, col. 1570 e 1572.

| | | |
|-----------------|---------------------------|-------------------------|
| carta | מִכְתָּב (cf. Ez 1.1) | אֲנָרָה (cf. Ne 6.5) |
| sangue | דָּם (cf. 1Rs 18.28) | דְּמִים (cf. 1Cr 22.8) |
| ele tem nascido | יָלַד (cf. Is 9.5) | נוֹלַד (cf. Ec 4.14) |
| corpos | גְּוִיָּה (cf. 1Sm 31.12) | גּוֹיֹת (cf. 1Cr 10.12) |

Algumas expressões compostas como **בֵּית יִשְׂרָאֵל** (casa de Israel, cf. 1Rs 12.21) ou **בְּנֵי יִשְׂרָאֵל** (filhos de Israel, cf. 1Rs 6.1) são substituídas, simplesmente, pela expressão coletiva **יִשְׂרָאֵל** (Israel, cf. 2Cr 11.1; 2Cr 10.16; 31.1). A fórmula introdutória comum dos textos em prosa pré-exílicos **וַיְהִי** (e aconteceu que, e houve que, cf. Jr 13.8; Ez 7.1) praticamente desaparece e a partícula **אֵת** (sinal de objeto direto/acusativo) tem seu uso diminuído nos livros das Crônicas. O artigo definido e o pronome relativo **אֲשֶׁר** (que) também têm sua utilização reduzida nos livros bíblicos pós-exílicos. Determinadas expressões têm suas palavras invertidas, como, por exemplo, a locução “o rei Salomão”, que em 2Reis 12.2 é redigido **שְׁלֹמֹה הַמֶּלֶךְ**, enquanto em 2Crônicas 10.2 a redação normalmente encontrada é **שְׁלֹמֹה הַמֶּלֶךְ**.³⁸ Formas mais longas de determinadas preposições são utilizadas, comumente, em textos poéticos pós-exílicos, ao invés de formas curtas típicas de textos pré-exílicos, tais como **עָלַי** (sobre, cf. Pv 30.19) em vez de **עַל** (sobre, cf. Êx 20.12), **עַדִּי** (até, cf. Sl 104.23) em vez de **עַד** (até, cf. Gn 11.31) e **אֵלַי** (em direção a, cf. Jó 5.26) em vez de **אֵל** (em direção a, cf. 2Rs 8.3).³⁹

Certas expressões tiveram influência da linguagem popular que mais tarde se tornaria o hebraico rabínico, como o uso da preposição separável **אֶצְל** (junto de, ao lado de) com a raiz verbal **ישב** (sentar, habitar, morar) (cf. Ne 2.6; 4.6), ao invés do uso de locuções como **בְּקִרְבֵּי** (em meio a, cf. Gn 45.6) ou **בְּתוֹךְ** (em meio a, cf. Êx 11.4) comuns em textos bíblicos pré-exílicos.⁴⁰ O hebraico pós-exílico utiliza, ainda, outros vocábulos que nunca aparecem no hebraico pré-exílico, mas que são utilizados, principalmente, no hebraico rabínico, como **שׁוּק** (mercado, cf. Pv 7.8; Ec 12.4), **אָמֶן** (artesanato, cf. Ct 7.2), **כְּתֵל** (muro, cf. Ct 2.9), **מְזֻג** (mistura, cf. Ct 7.3) e **קְנֻצוֹת** (cacho de cabelo, cf. Ct 5.2, 11). O sintagma “que eu” é redigido como **שֶׁאֲנִי** em duas passagens (cf. Ct 1.6; Ec 2.18) ao invés da locução **אֲשֶׁר אֲנִי** que é registrada em inúmeros textos bíblicos pré-exílicos (cf. Gn 18.17; Êx 34.10; Lv 20.23; 2Sm 15.20; 1Rs 17.20; 2Rs 22.20 etc.). A partícula **שֶׁ** (que, cf. Sl 133.3; 137.8; Ct 3.1; Lm 2.15; Ec 2.17) é utilizada, normalmente, ao invés do pronome relativo **אֲשֶׁר** (que, cf. Gn 1.7; Êx 1.8; 1Rs 1.8).⁴¹

No livro de Cântico dos Cânticos constata-se, pela primeira vez, o emprego da linguagem popular em um escrito literário. Existe, ainda, o uso constante de palavras de origem estrangeira, tais como: 1. aramaica: **עֶרֶשׁ** (sofá, divã, cf. Ct 1.16); 2. persa: **פָּרְדִּים** (pomar, cf. Ct 4.13) e 3. grega: **אֶפְרִיִּיִן** (liteira [φορῆτον], cf. Ct 3.9). No livro de Eclesiastes constam palavras compostas com o sufixo aramaico **-וִין**, tais com **הֶסְרוֹן** (perda, cf. Ec 1.15), **שְׁלֵטוֹן** (soberano, cf. Ec 8.4,8) e o sufixo **-וִת** como em **סְכָלוֹת** (estupidez, cf. Ec 1.17), ambos usados no hebraico rabínico. No mesmo livro bíblico, são registradas as partículas adverbiais **עַדֵּן** e **עַדְנָה** (ainda, cf. Ec 4.2,3) que são estranhas ao hebraico bíblico, mas que são muito comuns no hebraico rabínico. Em livros bíblicos pós-exílicos são encontradas, também, outras palavras de feições claramente aramaicas, como **כְּבַר** (já, cf. Ec 3.15; 6.10) e **קָרַב** (batalha, cf. Zc 14.3; Sl 55.22; Ec 9.18 [no hebraico pré-exílico, as unidades léxicas correspondentes ao vocábulo “batalha,

³⁸ Cf. Blau, 1972, col. 1572 e Sáenz-Badillos, 1996, p. 118-120.

³⁹ Cf. Gesenius, 1980, p. 15; Joüon e Muraoka, 1993, p. 12 e Blau, 1972, col. 1572.

⁴⁰ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 120 e Blau, 1972, col. 1572.

⁴¹ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 123; Gesenius, 1980, p. 17 e Blau, 1972, col. 1570.

guerra” são מְלַחֶמָה ou מְלַחֶמֶת, cf. Êx 1.10; Js 11.18; 1Sm 13.22]). Outros exemplos de empréstimos do aramaico são os vocábulos זְמַן (data, época, tempo, cf. Ec 3.1; Et 9.27; Ne 2.6), דֵּת (decreto, edito, cf. Et 1.8; Ed 8.36) e as raízes verbais קָבַל (receber, cf. Pv 19.20; Ed 4.4; 2Cr 12.18) e כָּשַׁר (ser acertado, sair bem, cf. Ec 10.10; 11.6; Et 8.5).⁴²

7. Hebraico de Hirbet Qumran

Textos: a Regra da Comunidade ou Manual da Disciplina (1QS), o Documento de Damasco (CD), a Regra da Guerra (1QM), o Rolo de Cobre (3Q15), o Rolo do Templo (11QT), o *pesher* de Habacuque (1QpHab), o *pesher* de Isaías (3QpIs), o *pesher* de Naum (4QpNa), o *pesher* de Miquéias (1QpMq), o *pesher* do Salmo 37 (4QpSl 37), Melquisedeque, o Príncipe Celeste (11QMelq), os Hinos de Ação de Graças ou *Hodayot* (1QH) etc.⁴³

As descobertas dos Manuscritos do Mar Morto, entre 1947 e 1965, nas localidades de Hirbet Qumran, Wadi Murabba'at, Naḥal Ḥever e Massada, além de outras localidades do deserto da Judéia, trouxeram muitos fragmentos parcialmente completos de livros bíblicos e não bíblicos, os quais possuem importância para todos os campos da crítica bíblica, como literária, textual, teológica, histórica, social e lingüística. Além dos livros bíblicos encontrados nessas localidades, como o 1QIs^a, descoberto na primeira gruta de Hirbet Qumran, em 1947, existe, também, um grande número de escritos da própria comunidade qumraniana.⁴⁴

De todas as localidades do deserto da Judéia que forneceram manuscritos a de Hirbet Qumran é a mais importante, pois é desse sítio arqueológico que os estudiosos encontraram textos bíblicos em hebraico, aramaico e grego mais antigos em relação aos demais sítios. Segundo Tov, o 1QIs^a, por exemplo, é atualmente datado entre 202 e 107 a.C., de acordo com os testes do carbono-14 (data paleográfica: 125-100 a.C.), constituindo um dos mais relevantes testemunhos textuais da Bíblia Hebraica.⁴⁵

Além dos manuscritos bíblicos, a comunidade de Hirbet Qumran produziu grande número de escritos próprios como os citados acima, os quais demonstram um linguajar divergente em relação ao hebraico pós-exílico e ao hebraico rabínico. Todavia, às vezes, tal fala é semelhante aos dois referidos estágios lingüísticos do hebraico. Determinados estudiosos classificam tal linguagem de hebraico de Hirbet Qumran, o qual não é exatamente uma evolução do hebraico pós-exílico, mas representa uma das formas da língua hebraica existentes no período do século II a.C. ao século I d.C.⁴⁶ De acordo com a opinião de Kutscher, o hebraico de Hirbet Qumran poderia ser considerado a última ramificação do hebraico bíblico pós-exílico.⁴⁷ Ainda segundo Kutscher, tal linguagem é composta pelos seguintes elementos lingüísticos: 1. hebraico bíblico; 2. aramaico oficial (a língua franca utilizada durante a época bíblica, na região do Oriente Médio) e 3. hebraico vernacular (que mais tarde se tornaria o hebraico rabínico). Tais influências foram determinantes para a formação da linguagem, especialmente na fonologia e na grafia.⁴⁸

⁴² Cf. Rabin, s.d., p. 49; Sáenz-Badillos, 1996, p. 114 e 123-124; Levias, 1916, p. 308 e Treballe Barrera, 1996, p. 75-76.

⁴³ Cf. Treballe Barrera, 1996, p. 542-544; Mackenzie, 1984, p. 762-764; Gottwald, 1988, p. 98 e Sellin e Fohrer, 1978, p. 756.

⁴⁴ Cf. Treballe Barrera, 1996, p. 330-32.

⁴⁵ Cf. Tov, 2001, p. 106. Cf. também Gottwald, 1988, p. 122; Treballe Barrera, 1996, p. 336; Brotzman, 1994, p. 90 e Francisco, 2008a, p. 385.

⁴⁶ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 132-133; Kutscher, 1972, col. 1584 e Mackenzie, 1984, p. 551.

⁴⁷ Cf. Kutscher, 1972, col. 1584.

⁴⁸ *ibidem*, col. 1584.

Os textos encontrados em H̄irbet Qumran evidenciam que o hebraico empregado pela comunidade era falado, possuindo várias características tais como: coloquialismos, aramaização, empréstimos estrangeiros e linguagem popular. Além do hebraico, o aramaico e o grego eram conhecidos, igualmente, pela comunidade e seus escritos demonstram o conhecimento desses dois idiomas. Por meio das descobertas dos manuscritos, o hebraico de H̄irbet Qumran reflete evolução da língua hebraica e percebe-se, ainda, que há maior distanciamento em relação ao hebraico pré-exílico. Por outro lado, é mais próximo ao aramaico e ao hebraico rabínico. Entretanto, segundo alguns doutos, a língua utilizada nos textos encontrados em H̄irbet Qumran representaria um estágio tardio de evolução do hebraico bíblico.⁴⁹

Alguns exemplos tomados de 1QIs^a, entre outros textos, demonstram como era o hebraico típico da comunidade de H̄irbet Qumran em relação ao hebraico encontrado no Texto Massorético. Percebe-se tendência freqüente em se utilizar grafias plenas como determinadas *matres lectionis*, como א para representar o fonema *a*; ו para representar os fonemas *o* e *u* e י para representar os fonemas *i* longo e *e*. Tal recurso era utilizado para facilitar a leitura de determinadas palavras. Por outro lado, a grafia do hebraico de Hirbet Qumran demonstra, ainda, inconsistências e falta de padrão, como, por exemplo, nos vocábulos זֹאת, זֹוֹת e זֹוֹת (esta, isto) e רֹוֹשׁ, רֹוֹשׁ e רֹוֹשׁ (cabeça), entre outros casos.⁵⁰ Os exemplos abaixo exemplificam de como era o tipo de ortografia empregada normalmente no hebraico de H̄irbet Qumran em comparação àquela encontrada no hebraico massorético, de acordo com os códices de Leningrado B19a (L) e de Alepo (A):⁵¹

| vocábulos | ortografia massorética | ortografia de Hirbet Qumran |
|----------------|--|--|
| não | לֹא (cf. Is 40.26 [cód. L e A]) | לוֹא (cf. Is 40.26 [1QIs ^a]) |
| pois, portanto | כִּי (cf. Is 40.2 [cód. L e A]) | כִּיא (cf. Is 40.2 [1QIs ^a]) |
| cabeça | רֹאשׁ (cf. Is 1.5 [cód. L e A]) | רוֹאשׁ (cf. Is 1.5 [1QIs ^a]) |
| resgatador | גֹּאֵל (cf. Is 49.7 [cód. L e A]) | גוֹאֵל (cf. Is 49.7 [1QIs ^b]) |
| Senhor YHWH | אֲדֹנָי יְהוִה (cf. Is 40.10 [cód. L e A]) | אדוֹנֵי יְהוִה (cf. Is 40.10 [1QIs ^a]) |
| Jacó | יַעֲקֹב (cf. Is 40.27 [cód. L e A]) | יעֲקוֹב (cf. Is 40.27 [1QIs ^a]) |
| Moisés | מֹשֶׁה (cf. Dt 5.1 [cód. L e A]) | מוֹשֶׁה (cf. Dt 5.1 [4QDt ^f]) |
| Aarão | אַהֲרֹן (cf. Nm 12.4 [cód. L e A]) | אהרֹון (cf. Nm 12.4 [4QNm ^b]) |
| Josué | יְהוֹשֻׁעַ (cf. Nm 27.18 [cód. L e A]) | יהוֹשׁוּעַ (cf. Nm 27.18 [4QNm ^b]) |
| Isaías | יִשְׁעִיָּהוּ (cf. Is 2.1 [cód. L e A]) | ישׁעִיָּה (cf. Is 2.1 [1QIs ^a]) |
| Uzias | עֲזִיָּהוּ (cf. Is 6.1 [cód. L e A]) | עוֹזִיָּה (cf. Is 6.1 [1QIs ^a]) |
| Ezequias | חִזְקִיָּהוּ (cf. Is 36.15 [cód. L e A]) | חוזִקִיָּה (cf. Is 36.15 [1QIs ^a]) |
| Jerusalém | יְרוּשָׁלַם (cf. Lm 1.8 [cód. L e A]) | ירושלִים (cf. Lm 1.8 [4QLm]) |
| Damasco | דְּמָשֶׁק (cf. Is 7.8 [cód. L e A]) | דרמֶשֶׁק (cf. Is 7.8 [1QIs ^a]) |
| Sodoma | סֹדֶם (cf. Is 13.19 [cód. L e A]) | סודֶם (cf. Is 13.19 [1QIs ^a]) |

⁴⁹ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 132-133; Kutscher, 1972, col. 1584; Rabin, s.d., p. 49; Treballe Barrera, 1996, p. 76 e Francisco, 2008b, p. 132.

⁵⁰ Cf. Tov, 2001, p. 108; Sáenz-Badillos, 1996, p. 135-136; Kutscher, 1972, col. 1585-1586; Gordon, 1976, p. 393; Francisco, 2008a, p. 397-398 e idem 2008b, p. 133-134.

⁵¹ Cf. *DJD 4*, p. 31, 32, 33, 34, 36 e 38; *DJD 12*, p. 90, 216, 219, 223, 243 e 254; *DJD 14*, p. 80 e 114; *DJD 15*, p. 58, 212, 213, 217 e 315; *DJD 16*, p. 232; Sukenik, Avigad e Yadin, 1955, col. 6; Trever, 1974, p. 8, 9, 12, 13, 18, 19, 36, 40, 43, 48 e 56; Tov, 2001, p. 108, 109, 383, 384 e 386; Treballe Barrera, 1996, p. 333; Sáenz-Badillos, 1996, p. 134-146; Kutscher, 1972, col. 1586; Gordon, 1976, p. 393; Francisco, 2008a, p. 397-398 e idem 2008b, p. 133-134.

| | | |
|------------------|--|--|
| Gomorra | עֹמֶרָה (cf. Is 13.19 [cód. L e A]) | עֹמֶרָה (cf. Is 13.19 [1QIs ^a]) |
| seus pombais | אַרְבֹּתֵיהֶם (cf. Is 60.8 [cód. L e A]) | אַרְבֹּתֵיהֶמָה (cf. Is 60.8 [1QIs ^a]) |
| assim | כֹּה (cf. Is 49.7 [cód. L e A]) | כֹּה (cf. Is 49.7 [1QIs ^a]) |
| adúlteras | נֹאֲפֹת (cf. Ez 23.45 [cód. L e A]) | נֹאֲפֹת (cf. Ez 23.45 [4QEz ^a]) |
| e quatro | וְאַרְבַּע (cf. Ez 10.21 [cód. L e A]) | וְאַרְבַּעַה (cf. Ez 10.21 [4QEz ^a]) |
| as tochas | הַלְפִידִים (cf. Ez 1.13 [cód. L e A]) | הַלְפִידִים (cf. Ez 1.13 [4QEz ^b]) |
| boca | פִּי (cf. Is 40.5 [cód. L e A]) | פִּיא (cf. Is 40.5 [1QIs ^a]) |
| quem? | מִי (cf. Is 40.12 [cód. L e A]) | מִיא (cf. Is 40.12 [1QIs ^a]) |
| ele | הוּא (cf. Nm 13.19 [cód. L e A]) | הוּאָה (cf. Nm 13.19 [4QNm ^b]) |
| ela | הִיא (cf. Nm 13.20 [cód. L e A]) | הִיאָה (cf. Nm 13.20 [4QNm ^b]) |
| vós (masc.) | אַתֶּם (cf. Nm 18.31 [cód. L e A]) | אַתֶּמָה (cf. Nm 18.31 [4QNm ^b]) |
| lhes | אַתֶּם (cf. Nm 13.17 [cód. L e A]) | אוֹתֶמָה (cf. Nm 13.17 [4QNm ^b]) |
| todo | כָּל (cf. Is 40.6 [cód. L e A]) | כּוֹל (cf. Is 40.6 [1QIs ^a]) |
| na força | בְּכֹחַ (cf. Is 40.9 [cód. L e A]) | בְּכּוּחַ (cf. Is 40.9 [1QIs ^a]) |
| as nações | הַגּוֹיִם (cf. Is 40.17 [cód. L e A]) | הַגּוֹאִים (cf. Is 40.17 [1QIs ^a]) |
| como a tenda | כְּאֹהֶל (cf. Is 40.22 [cód. L e A]) | כְּאוֹהֶל (cf. Is 40.22 [1QIs ^a]) |
| teus mandamentos | מִצְוֹתַי (cf. Sl 119.86 [cód. L e A]) | מִצְוֹתֵיכָה (cf. Sl 119.86 [11QSI ^a]) |
| teus estatutos | חֻקַּי (cf. Sl 119.112 [cód. L e A]) | חֻקֵיכָה (cf. Sl 119.112 [11QSI ^a]) |
| em tua palavra | לְדִבְרֵי (cf. Sl 119.114 [cód. L e A]) | לְדַבֵּיכָה (cf. Sl 119.114 [11QSI ^a]) |
| teu Deus | אֱלֹהֵי (cf. Dt 5.6 [cód. L e A]) | אֱלוֹהֵיךָ (cf. Dt 5.6 [4QDt ^t]) |
| vosso Deus | אֱלֹהֵיכֶם (cf. Dt 3.20 [cód. L e A]) | אֱלוֹהֵיכֶמָה (cf. Dt 3.20 [4QDt ^m]) |
| vossois pais | אַבְתֵיכֶם (cf. Nm 32.14 [cód. L e A]) | אַבּוֹתֵיכֶמָה (cf. Nm 32.14 [4QNm ^b]) |
| e disse | וַיֹּאמֶר (cf. Êx 3.14 [cód. L e A]) | וַיּוֹאמֶר (cf. Êx 3.14 [4QÊx ^b]) |
| muito | מְאֹד (cf. Nm 11.33 [cód. L e A]) | מּוֹאֲדָה (cf. Nm 11.33 [4QNm ^b]) |
| faraó | פַּרְעֹה (cf. Sl 136.15 [cód. L e A]) | פַּרְעוּה (cf. Sl 136.15 [11QSI ^a]) |
| teu nome | שְׁמִי (cf. Is 25.1 [cód. L e A]) | שְׁמִיכָה (cf. Is 25.1 [4QIs ^a]) |
| escuridão | חֹשֶׁךְ (cf. Na 1.18 [cód. L e A]) | חּוֹשֶׁךְ (cf. Na 1.8 [4QXII ^b]) |
| para ti | לְךָ (cf. Nm 27.18 [cód. L e A]) | לְכָה (cf. Nm 27.18 [4QNm ^b]) |
| cego | עֹר (cf. Is 42.19 [cód. L e A]) | עוֹאֶר (cf. Is 42.19 [1QIs ^a]) |
| exultação | רִנָּה (cf. Is 14.7 [cód. L e A]) | רִוְנָה (cf. Is 14.7 [1QIs ^a]) |
| inocentes | פְּתָאִים (cf. Sl 119.130 [cód. L e A]) | פּוֹתָאִים (cf. Sl 119.130 [11QSI ^a]) |
| teus preceitos | עֲדוֹתַי (cf. Sl 119.119 [cód. L e A]) | עֲדוֹתֵיכָה (cf. Sl 119.119 [11QSI ^a]) |
| seu clamor | שׁוֹעֲתָם (cf. Sl 145.19 [cód. L e A]) | שׁוֹעֲתֶמָה (cf. Sl 145.19 [11QSI ^a]) |
| minha aflição | עֲנִי (cf. Sl 119.153 [cód. L e A]) | עוֹנֵי (cf. Sl 119.153 [11QSI ^a]) |

Além das diferenças listadas acima entre os dois tipos do hebraico, existem, além disso, palavras novas no hebraico de Hīrbet Qumran que não ocorrem em outros estágios anteriores do hebraico. Tal vocabulário é mais extenso do que o encontrado no hebraico pré-exílico e no hebraico pós-exílico. O hebraico de Hīrbet Qumran era mais aberto a estrangeirismos e à inovações morfológicas e fonológicas que seus antecedentes. No vocabulário existem itens léxicos de procedência aramaica, persa, grega e latina. Alguns itens léxicos demonstram significados específicos e outros revelam serem empréstimos do aramaico. Os exemplos a seguir ilustram o vocabulário encontrado em vários textos encontrados nas grutas de Hīrbet Qumran: מְדַרְשׁ (estudo, exegese), כְּנֶסֶת (assembleia, comunidade), קֵץ (tempo, época), גּוֹרֵל

(grupo), דְּשֵׁן (primavera), סֵדֶר (ordem, regra), פִּשְׁר (interpretação, explicação), יְהוּד (comunidade [sentido influenciado, possivelmente, pelo vocábulo grego κοινωvία [comunhão]), מְבַקֵּר (inspetor), שָׂר (príncipe [vocábulo usado para designar anjo]), מִדְּע (conhecimento?, opinião?), כוֹהֵן הַרְוֹאֵשׁ (sumo sacerdote), בֵּית מִשְׁפָּט (corte), תִּלְמוּד (aprendizado), זַעֲטוּט (jovem, rapaz), רִי (segredo [vocábulo de origem persa]), מִגְדָּל (torre [com sentido militar, conforme o grego πύργος e o latim *turris*]) e as raízes verbais אָזַן (ouvir), עָמַד (levantar), זָעַע (se agitar [com sentido intransitivo]) etc.⁵²

8. Vocalização Massorética

Textos: Códice de Alepo (A), Códice de Leningrado B19a (L), Códice Oriental 4445 (B), Códice do Cairo dos Profetas (C), Códice Sassoon 507 (S), Códice Sassoon 1053 (S¹), Códice Petropolitano Babilônico B3 (P), Códice de Nova York JTS 232 (N), Códice Reuchliniano (R), Códice Erfurtense 3 (E3) etc.⁵³

Durante a Idade Média (séculos VII a X) os massoretas elaboraram três sistemas de vocalização do texto consonantal da Bíblia Hebraica. Os sistemas de vocalização conhecidos são: o babilônico (séc. VII a IX), o palestino (séc. VIII a IX) e o tiberiense (séc. VIII a X), dos quais o último é o mais conhecido e o mais importante. Os três sistemas possuem sinais gráficos similares entre si, todavia, no sistema babilônico e no palestino os sinais vocálicos são colocados acima das consoantes (sistema supralinear), enquanto o sistema tiberiense aloca os sinais tanto acima, abaixo como dentro das consoantes (sistema infralinear).⁵⁴

Abaixo, há tabelas com os sinais vocálicos babilônicos, palestinos e tiberienses, com suas representações fonéticas correspondentes em letras latinas.⁵⁵

a. Sinais de vocalização babilônica simples

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| a | ā | ē | i | ō | u | ə |

b. Sinais de vocalização babilônica complexa

Sílabas átonas com *shewá quiescens* (*shewá mudo*)

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| = | > | ? | @ | A |
| a | e | i | o | u |

Sílabas átonas com *daguesh forte*

| | | |
|---|---|---|
| B | C | D |
| a | i | u |

⁵² Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 146 e Kutscher, 1972, col. 1588-1589.

⁵³ Cf. Yeivin, 1980, p. 16-29; idem, 2003, p. 13-27; Tov, 2001, p. 46-47; Sáenz-Badillos, 1996, p. 107-110; Brotzman, 1994, p. 56; Würthwein, 1995, p. 35-38; Kelley, Mynatt e Crawford, 1998, p. 18-19; Gottwald, 1988, p. 127; Trebolle Barrera, 1996, p. 317 e Kahle, 1959, p. 117-118.

⁵⁴ Cf. Tov, 2001, p. 43-44; Würthwein, 1995, p. 22-24; Yeivin, 1980, p. 1-2; idem, 2003, p. טו-טז; Kelley, Mynatt e Crawford, 1998, p. 13; Sáenz-Badillos, 1996, p. 77-78; Jeffery, 1962, p. 553; Brotzman, 1994, p. 49-51; Sellin e Fohrer, 1978, p. 758; Gottwald, 1988, p. 125 e Francisco, 2008a, p. 250.

⁵⁵ Cf. Blau, 1972, col. 1573 e Francisco, 2008a, p. 253, 254, 263 e 268.

c. Sinais de vocalização palestina

| | | | | | | |
|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| 1 | 0 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 ou 7 |
| <i>a</i> | <i>ā</i> | <i>e</i> | <i>ē</i> | <i>i</i> | <i>o</i> | <i>u</i> |

d. Sinais de vocalização tiberiense

Vogais

| | | | | | | | | | | |
|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| אָ | אַ | ע | עֵ | י | יִ | ו | וֹ | וֹ | וּ | וִ |
| <i>a</i> | <i>ā</i> | <i>e</i> | <i>ē</i> | <i>i</i> | <i>î</i> | <i>o</i> | <i>ō</i> | <i>ó</i> | <i>u</i> | <i>û</i> |

Semivogais

| | | | |
|----------|----------|----------|----------|
| אֵ | אִ | אִי | אִי |
| <i>ā</i> | <i>ē</i> | <i>ō</i> | <i>ə</i> |

O sistema de Tiberíades é representado pelas duas principais famílias de massoretas: a de Ben Asher e a de Ben Naftali. A primeira das quais é considerada a mais importante pelos estudiosos e a que é a mais atestada pelos manuscritos massoréticos. A tradição tiberiense de vocalização alcançou seu auge de desenvolvimento no século X com os trabalhos do último membro da família Ben Asher, o massoreta Aarão ben Asher (primeira metade do séc. X). Com o passar do tempo, o sistema da família Ben Asher tornou-se oficial e padrão, suplantando as demais tradições massoréticas, inclusive a de Ben Naftali. A tradição de Ben Asher tornou-se a única a ser reproduzida pela maioria dos manuscritos massoréticos, como por todas as edições impressas da Bíblia Hebraica desde o século XV até os dias atuais.⁵⁶

Todos os manuscritos massoréticos como todas as edições impressas da Bíblia Hebraica são baseadas no Texto Massorético, o qual é o texto bíblico tradicional hebraico preservado pelos antigos escribas judeus, desde o período do Segundo Templo (séc. VI a.C. a 70 d.C.) e que no período medieval recebeu a vocalização, a acentuação e as notas da massorá elaboradas pelos massoretas. O Texto Massorético é considerado o texto oficial e padrão da Bíblia Hebraica desde a época de conclusão das atividades massoréticas (séc. X). Todas as gramáticas e dicionários de hebraico bíblico também são baseadas nesse mesmo texto.⁵⁷

Segundo os estudiosos, a vocalização do Texto Massorético reflete a pronúncia dos próprios massoretas que, no período em que viveram, falavam o aramaico como sua língua cotidiana. Em conseqüência, o aramaico acabou influenciando o sistema de vocalização do hebraico bíblico como desenvolvido pelos massoretas. Vários estudiosos argumentam que a pronúncia fixada pelos massoretas difere, consideravelmente, da pronúncia do hebraico nos tempos bíblicos, pois há um período de mil anos entre o período bíblico, quando o hebraico era uma língua viva e falada, e a época das atividades massoréticas, quando o hebraico era utilizado para propósitos religiosos e litúrgicos, sendo considerado língua sagrada. Em suma, a pronúncia massorética refletiria aquela que era feita nos serviços litúrgicos na sinagoga.⁵⁸

⁵⁶ Cf. Tov, 2001, p. 45; Brotzman, 1994, p. 53; Sáenz-Badillos, 1996, p. 78; Yeivin, 1980, p. 141; idem, 2003, p. 117; Kelley, Mynatt e Crawford, 1998, p. 20; Gordon, 1976, p. 393; Trebolle Barrera, 1996, p. 316; Gottwald, 1988, p. 127 e Francisco, 2008a, p. 278-279.

⁵⁷ Cf. Gottwald, 1988, p. 122-123; Brotzman, 1994, p. 55-56; Tov, 2001, p. 22-23; Yeivin, 1980, p. 1-2; idem, 2003, p. טז-טז; Trebolle Barrera, 1996, p. 310, 311 e 699; Mackenzie, 1984, p. 928-929; Würthwein, 1995, p. 10-16 e 24; Kelley, Mynatt e Crawford, 1998, p. 31; Kelley, 1998, p. 441; Sellin e Fohrer, 1978, p. 756-763 e Francisco, 2008a, p. 268.

⁵⁸ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 78-79; Joüon e Muraoka, 1993, p. 10; Würthwein, 1995, p. 26-28; Tov, 2001, p. 40-43 e Francisco, 2008a, p. 266-267.

A acentuação das palavras do hebraico, de acordo com a vocalização tiberiense, cai, freqüentemente, na última sílaba, algumas vezes cai na penúltima. Possivelmente, o hebraico dos tempos bíblicos, ao contrário da tradição tiberiense, possuiria outras variações na tonicidade das palavras. Os estudiosos argumentam que a tonicidade da última sílaba é própria dos massoretas de Tiberíades, como também da pronúncia dobrada das letras בּוּדְכַפֿׁת, entre outros detalhes lingüísticos.⁵⁹

Como exemplo, alguns vocábulos e nomes próprios hebraicos comuns no Texto Massorético podem ilustrar a ocorrência do acento tônico (obs.: o sinal gráfico ˊ indica a sílaba tônica dos itens lexicográficos e nomes):

Vocábulos e nomes próprios oxítonos: גָּדוֹל (grande), יִשְׂרָאֵל (Israel), מֹשֶׁה (Moisés), אֲדֹנָי (senhor, dono), תְּפִלָּה (oração), אֱלֹהִים (Deus, deuses), שְׁמוּאֵל (Samuel), נַחֲלָה (herança), נָחָשׁ (serpente, áspide), מִשְׁפָּט (direito, juízo), כּוֹכָב (estrela), צְדָקָה (justiça), מִשְׁפָּחָה (família), שָׂדֵה (campo), שָׁנָה (ano), תּוֹרָה (instrução, lei), כֹּהֵן (sacerdote), קָדוֹשׁ (santo), מִלְחָמָה (guerra), תְּהִלָּה (louvor, salmo), אֱמֶת (firmeza, veracidade) etc.

Vocábulos e nomes próprios paroxítonos: מֶלֶךְ (rei), דֶּרֶךְ (caminho), נֶפֶשׁ (garganta, respiração, pessoa), דַּעַת (conhecimento), אֶרֶץ (terra), עָרַב (entardecer), דֶּלֶת (porta), עֶבֶד (servo), שֶׁמֶן (óleo, gordura), טֵנָא (cesto), אִשָּׁע (ajuda, auxílio, salvação), אָבֵל (Abel), קַיִן (Caim), מַחֵת (Maate), מִקְדָּשׁ (tributo), מֵעַן (por causa de), כִּמָּל (imagem, estátua), פֶּסֶל (ídolo), עֶצֶם (osso), פְּלֶגַע (divisão), מִרְשָׁעַת (descrença) etc.

Em relação à pronúncia do hebraico como representada pela tradição massorética tiberiense, os estudiosos apresentam opiniões divergentes. Segundo alguns estudiosos, como Kahle, os massoretas teriam corrigido de muitas maneiras a antiga pronúncia do hebraico quando iniciaram suas atividades no século VIII.⁶⁰ Wernberg-Møller argumenta que a pronúncia fixada pelos massoretas não refletiria a do hebraico da época bíblica (período arcaico, pré-exílico e pós-exílico). O mesmo estudioso afirma que não é possível saber de como era a real pronúncia hebraica de alguns personagens como Davi, Jeremias, Débora ou mesmo do autor do livro de Daniel. A vocalização do hebraico, como fixada pelos massoretas, não refletiria a de nenhum estágio do período bíblico, mas seria a pronúncia do hebraico efetuada na sinagoga durante a leitura dos textos bíblicos.⁶¹

Outros doutos, todavia, argumentam que a pronúncia tiberiense não pode ser encarada como um sistema autoritário e artificial ou mesmo puramente idealizado pelos massoretas de Tiberíades. Determinados aspectos da vocalização tiberiense têm reflexo em antigos textos como, por exemplo, em 1QIs^a. No entanto, há outros detalhes que são realmente tardios e não refletem a antiga pronúncia hebraica, como efetuada em tempos anteriores ao dos massoretas, porém, tais detalhes não podem ser encarados como simplesmente reconstruções artificiais, mas são formas tardias do hebraico ou mesmo formas dialetais.⁶²

Os próprios massoretas acreditavam que seu sistema de vocalização representava, fielmente e seguramente, o hebraico quando este era uma língua nacional viva e quando era pronunciado durante a época bíblica, quando o Templo de Jerusalém ainda existia. Conforme tal concepção, os massoretas de Tiberíades teriam eliminado outros sistemas anteriores que

⁵⁹ Cf. Blau, 1972, col. 1574; Würthwein, 1995, p. 27; Sáenz-Badillos, 1996, p. 72; Kahle, 1959, p. 184 e 186 e Driscoll, 1910, p. 177.

⁶⁰ Cf. Kahle, 1959, p. 150; idem, 1956, p. 144 e 152 e idem, 1962, p. 2.

⁶¹ Cf. Wernberg-Møller, 1974, p. 122-123 e Sáenz-Badillos, 1996, p. 78.

⁶² Cf. Tov, 2001, p. 48-49; Sáenz-Badillos, 1996, p. 78-79 e Würthwein, 1995, p. 26-27.

eram divergentes e teriam tentado assegurar que seu próprio sistema fosse o único a ser seguido por seus discípulos, sendo adotado na vocalização dos inúmeros manuscritos medievais da Bíblia Hebraica.⁶³

Apêndices

1. O Hebraico Samaritano

Além do hebraico usado pelos judeus ao longo de sua história, há, ainda, o hebraico samaritano utilizado pela comunidade samaritana, a qual vive hoje na cidade de Nablus e de Holon, em Israel. O hebraico samaritano é usado, atualmente, principalmente como língua litúrgica, sendo a linguagem do Pentateuco Samaritano, um dos testemunhos textuais do texto bíblico, ao lado do Texto Massorético, da Septuaginta, da Vulgata, da Peshitta, do Targum, entre outros. O alfabeto hebraico empregado pelos samaritanos possui a antiga forma da escrita hebraica conhecida como paleohebraica, muito similar ao antigo alfabeto fenício.⁶⁴

Os estudiosos desconhecem a origem exata do hebraico samaritano e em que época teria surgido. Segundo Sáenz-Badillos, por volta do século II a.C. percebe-se uma forma independente e específica do hebraico usado pela comunidade samaritana de então em relação ao hebraico utilizado pelos judeus. Todavia, a origem da forma hebraica própria dos samaritanos teria surgido, possivelmente, vários séculos antes.⁶⁵

A pronúncia do texto bíblico hebraico feita pelos samaritanos é diferente daquela feita pelos judeus. Kahle fez estudos da pronúncia samaritana e publicou uma transliteração de várias passagens do livro de Gênesis e de Êxodo colhidas do Pentateuco Samaritano. O texto de Gênesis 1.1 é dado como exemplo de como é a pronúncia praticada pelos samaritanos em comparação com a pronúncia fixada pelos massoretas de Tiberíades:⁶⁶

בראשית ברא אלהים את השמים ואת הארץ

pronúncia samaritana: *bàrāšit bārā ælūwēm it eššāmēm wit āreš.*

pronúncia massorética: *bərē'sīt bārā' 'ēlōhīm 'ēt haš-šāma'im wə'ēt hā'āreš.*

Segundo a opinião de alguns eruditos, a pronúncia samaritana é muito antiga, mais ainda do que a pronúncia do hebraico feita pelos massoretas de Tiberíades. A comunidade samaritana manteve uma sólida tradição de leitura do Pentateuco Samaritano que é anterior à época do início das atividades dos massoretas. Durante a Idade Média, semelhantemente como os massoretas, os samaritanos também desenvolveram um sistema de vocalização do hebraico samaritano e tal sistema era similar ao sistema massorético palestino.⁶⁷

O hebraico samaritano, conforme consta no Pentateuco Samaritano, possui a tendência de eliminar termos raros e situações de *hapax legomenon*, além de substituir vocábulos arcaicos por outros mais comuns e mais modernos. Outra característica é o uso de grafias plenas como *matres lectionis* para facilitar a leitura dos textos bíblicos.⁶⁸ O uso de grafias plenas é inclusive a

⁶³ Cf. Würthwein, 1995, p. 27; Kahle, 1956, p. 144 e idem, 1959, p. 150.

⁶⁴ Cf. Würthwein, 1995, p. 4, 45 e 46; Tov, 2001, p. 80-81; Brotzman, 1994, p. 64-65; Sellin e Fohrer, 1978, p. 767; Trebolle Barrera, 1996, p. 348-349 e Francisco, 2008a, p. 405.

⁶⁵ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 147. Cf. também Francisco, 2008a, p. 414 e 626.

⁶⁶ Cf. Kahle, 1959, p. 318. Cf. também Francisco, 2008a, p. 417.

⁶⁷ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 92 e 147; Kahle, 1956, p. 146; idem, 1959, p. 153; idem, 1962, p. 2 e Francisco, 2008a, p. 415 e 626.

⁶⁸ Cf. Andersen e Forbes, 1986, p. 14 e 70; Tov, 2001, p. 90; Sáenz-Badillos, 1996, p. 159 e Francisco, 2008a, p. 416.

diferença maior entre o Pentateuco Samaritano e o Texto Massorético. Alguns exemplos de diferença de grafias entre ambos os textos em Gênesis, capítulo 49 (Observação: o Texto Massorético é representado aqui pelo Códice L) são dados a seguir:⁶⁹

| vocábulos | hebraico massorético | hebraico samaritano |
|------------------|----------------------------------|-----------------------------|
| minha força | כָּחִי (cf. Gn 49.3 [cód. L]) | כוּחִי (cf. Gn 49.3 [Sam]) |
| minha glória | כְּבוֹדִי (cf. Gn 49.6 [cód. L]) | כבוּדִי (cf. Gn 49.6 [Sam]) |
| Sidônia | צִידֹן (cf. Gn 49.13 [cód. L]) | צרוֹן (cf. Gn 49.13 [Sam]) |
| descanso | מְנוּחָה (cf. Gn 49.15 [cód. L]) | מנוחה (cf. Gn 49.15 [Sam]) |
| solta | שְׁלֹחָה (cf. Gn 49.21 [cód. L]) | שלוחה (cf. Gn 49.21 [Sam]) |

Abaixo, há uma tabela com as letras do alfabeto hebraico de tradição samaritana em correspondência com os caracteres hebraicos de tradição judaica. Na primeira coluna, constam os nomes de cada letra, segundo a tradição samaritana:⁷⁰

| nome da letra | alfabeto hebraico samaritano | alfabeto hebraico judaico |
|------------------------|------------------------------|---------------------------|
| <i>ā'laf</i> | 𐤀 | א |
| <i>bīt</i> | 𐤁 | ב |
| <i>gā'mān</i> | 𐤂 | ג |
| <i>dā'lāt</i> | 𐤃 | ד |
| <i>īy</i> | 𐤄 | ה |
| <i>bā</i> | 𐤅 | ו |
| <i>zēn</i> | 𐤆 | ז |
| <i>īt</i> | 𐤇 | ח |
| <i>ṭīt</i> | 𐤈 | ט |
| <i>yūt</i> | 𐤉 | י |
| <i>kāf</i> | 𐤊 | כ |
| <i>lā'bāt</i> | 𐤋 | ל |
| <i>mim</i> | 𐤌 | מ |
| <i>nūn</i> | 𐤍 | נ |
| <i>sin'gāt/sin'kāt</i> | 𐤎 | ס |
| <i>īn</i> | 𐤏 | ע |
| <i>fī</i> | 𐤐 | פ |
| <i>ṣā'dīy</i> | 𐤑 | צ |
| <i>quf</i> | 𐤒 | ק |
| <i>rš</i> | 𐤓 | ר |
| <i>šan</i> | 𐤔 | ש |
| <i>tāf</i> | 𐤕 | ת |

⁶⁹ Cf. Tov, 2001, p. 96-97 e Francisco, 2008a, p. 417.

⁷⁰ Cf. Francisco, 2008a, p. 418.

2. O Alfabeto Hebraico

Durante o período bíblico, a língua hebraica conheceu mais de um tipo de alfabeto consonantal para representar suas letras. Como os israelitas eram vizinhos dos povos do antigo Oriente Médio, mantendo contatos constantes com todos eles, acabaram por adotar e/ou adaptar antigos sistemas alfabéticos que eram utilizados pelos povos da região. Tanto a antiga escrita hebraica (paleohebraica) como a escrita hebraica quadrática (escrita assíria) eram adaptações de alfabetos já existentes, sendo usados pelos povos que falavam alguma língua semítica. Este tópico trata de alguns aspectos históricos dos dois sistemas alfabéticos utilizados pelo povo de Israel durante o período bíblico, tanto antes como depois do exílio babilônico.⁷¹

a. O Abecedário Paleohebraico

Os estudiosos afirmam que os povos semitas desenvolveram vários sistemas alfabéticos desde o início do segundo milênio a.C. e tais sistemas foram desenvolvidos ao passar do tempo e acabaram por influenciar outros alfabetos mais recentes. Segundo suas descobertas, os primeiros sistemas alfabéticos e suas datas são: o alfabeto proto-cananeu (c. 1700 a.C.), o alfabeto proto-sinaítico (c. 1500 a.C.), o alfabeto proto-árabe (c. 1300 a.C.), entre outros.⁷²

Inicialmente, o alfabeto proto-cananeu possuía 27 caracteres consonantais, porém, até o século XIII a.C. seu alfabeto passou a adotar 22 letras e um século mais tarde, passou a adotar a escrita da direita para a esquerda, possivelmente sofrendo influência da escrita herática egípcia. Segundo os estudiosos, do século XII a.C. em diante o alfabeto proto-cananeu é considerado como alfabeto fenício. Como adaptação do sistema alfabético fenício surgiu o alfabeto paleohebraico, entre o século XII e XI a.C., sendo utilizado pelos israelitas em sua comunicação escrita.⁷³

Segundo os eruditos, o alfabeto hebraico passou por transformações ao longo do tempo, pois foram descobertas antigas inscrições hebraicas em sítios arqueológicos em Israel, na Jordânia e na Síria: o óstraco abecedário de Izbet Tsartah (c. 1000 a.C.), a inscrição no sarcófago do rei Airam, em Biblos (c. 1000 a.C.), o calendário agrícola de Gezer (950 a.C.), a estela do rei Meshah, de Moabe (c. 840 a.C.), os óstracos de Siquém (c. 700 a.C.), o Papiro Murabba'at 17 (c. 700 a.C.), as inscrições do túnel de Siloé, em Jerusalém (c. 700 a.C.), o óstraco de Mesad Haschabiah (c. 600 a.C.), o óstraco de Laquis (c. 588 a.C.) e o óstraco de Arad (c. 500 a.C.). Todas essas inscrições foram escritas em caracteres paleohebraicos.⁷⁴

O alfabeto paleohebraico foi usado na composição dos livros bíblicos surgidos no período entre o século XII e VI a.C. quando os escribas usavam o hebraico pré-exílico como linguagem literária. Entre os textos bíblicos, pode-se mencionar o Pentateuco, Josué, Juízes, Samuel, Reis, Isaías, Jeremias, entre outros. Alguns poucos manuscritos (cerca de 11 a 14) descobertos em Hírbet Qumran também foram compostos na antiga escrita hebraica, como: 4QpaleoGn^m, 4QpaleoEx^m, 11QpaleoLv^a, 4QpaleoDt^s, 4QpaleoJó^c, entre outros manuscritos.⁷⁵

⁷¹ Cf. Tov, 2001, p. 218.

⁷² Cf. Treballe Barrera, 1996, p. 98-99; Mackenzie, 1984, p. 23; Rabin, s.d., p. 25-26; Sellin-Fohrer, 1978, p. 750; Sáenz-Badillos, 1996, p. 16-17 e Würthwein, 1995, p. 3.

⁷³ Cf. Treballe Barrera, 1996, p. 99; Sáenz-Badillos, 1996, p. 17; Würthwein, 1995, p. 2; Sellin e Fohrer, 1978, p. 750; Auvray, 1997, p. 11; Schramm e Schmitz, 1992, p. 204 e Francisco, 2008a, p. 635.

⁷⁴ Cf. Joüon e Muraoka, 1993, p. 6; Gesenius, 1980, p. 9-10; Blau, 1972, col. 1569; Jeffery, 1962, p. 553; Würthwein, 1995, p. 2; Gordon, 1976, p. 393; Sellin e Fohrer, 1978, p. 750; Mackenzie, 1984, p. 23; Treballe Barrera, 1996, p. 98 e Auvray, 1997, p. 11.

⁷⁵ Cf. Tov, 2001, p. 104, 105 e n. 79 e 220; Treballe Barrera, 1996, p. 100; Würthwein, 1995, p. 3-4; Sellin e Fohrer, 1978, p. 751; Brotzman, 1994, p. 41 e Francisco, 2008a, p. 635.

O abecedário paleohebraico foi substituído aos poucos pela adoção do abecedário quadrático após o período pós-exílico (cf. abaixo) pelos escribas judeus. Porém, o antigo alfabeto hebraico continuou em uso, principalmente em alguns momentos de conflito na história judaica, como na época da Revolta dos Macabeus (166-160 a.C.) e na época da Primeira (66 a 73 d.C.) e da Segunda Revolta Judaica contra Roma (132 a 135 d.C.), quando o uso dos antigos caracteres hebraicos era tido como um sinal de nacionalismo judaico.⁷⁶

Em alguns manuscritos encontrados em Hirtbet Qumran compostos no abecedário quadrático, como por exemplo, 11QSI^a, 2QEx^b, 4QIs^c, 1QpHab, entre outros textos bíblicos e não bíblicos, o tetragrama (יהוה, YHWH) e os títulos divinos אֱלֹהִים (Deus), אֵל (Deus) e אֱלֹהֵי (meu Deus) são grafados em caracteres paleohebraicos como אַיַּאֲל (YHWH, cf. Êx 4.31 [2QÊx^b], Is 11.9 [4QIs^c], Sl 136.1 [11QSI^a], 1QpHab [col. 6, l. 2]), אַלֵּאֲל (Deus, cf. 4QShirShabb^s [frg. 1]), אֲל (Deus, cf. 4QAgosCreat [frg. 1, l. 1], 4QS^d [col. 8, l. 9]) e אֲלֵּאֲל (meu Deus, cf. 1QH^a [col. 2, l. 34]). Em textos gregos encontrados entre os Manuscritos do Mar Morto, como 8HevXIIgr, a mesma prática se verifica: em meio ao texto grego, o tetragrama é grafado, igualmente, no antigo abecedário hebraico (cf. Mq 5.3 [8HevXIIgr]). O mesmo costume se verifica, também, nos fragmentos da versão grega de Áquila que foram encontrados na Guenizá do Cairo (cf. 3Rs 21.13 [1Rs 20.13]).⁷⁷

b. O Abecedário Assírio ou Quadrático

Pouco tempo depois do período de regresso do exílio babilônico houve uma das influências do aramaico mais duradouras na língua hebraica: a adoção de sua escrita na composição de textos em hebraico escritos desse período em diante. O aramaico tinha se tornado a língua franca dos impérios assírio, babilônico e persa, quando esses estavam ativos entre os séculos VIII e IV a.C. Durante esse período em diante os judeus acabaram por adotar o aramaico em sua comunicação com seus dominadores e seus vizinhos.⁷⁸

A nova escrita tomada de empréstimo do aramaico para substituir a antiga escrita paleohebraica é conhecida pelos seguintes nomes: כְּתָב מְרֻבָּע (escrita quadrática ou escrita quadrada) ou כְּתָב אֲשֻּׁרִי (escrita assíria), esta última denominada, simplesmente, אֲשֻּׁרִית (assíria). O motivo da denominação escrita “quadrada” ou “quadrática” é por causa do formato quadrático das novas letras, as quais moldavam-se ao um quadrado (ex.: א, ב, ה, ח, ט, ז, מ, ם, ן, ש, ף etc.). Tal escrita era utilizada pelos escribas assírios, babilônicos e persas para escrever documentos em aramaico nas chancelarias desses impérios. O nome escrita “assíria” é, simplesmente, por causa do fato de tal sistema alfabético ser empregado pelo império assírio.⁷⁹

A transição da escrita paleohebraica para a escrita quadrática ou assíria foi gradual e lenta, continuando durante o período de dominação helenística (séculos IV-II a.C.) e não terminou até a época da Segunda Revolta Judaica contra Roma (132 a 135 d.C.).⁸⁰ Os textos bíblicos que foram escritos no antigo alfabeto hebraico antes do exílio babilônico tiveram seu

⁷⁶ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 113; Würthwein, 1995, p. 3; Ginsburg, 1966, p. 290; Tov, 2001, p. 219; Sellin e Fohrer, 1978, p. 750-751; Gottwald, 1988, p. 122; Treballe Barrera, 1996, p. 100 e Francisco, 2008a, p. 635.

⁷⁷ Cf. *DJD* 3, p. 53; *DJD* 5, p. 77; *DJD* 8, p. 40; *DJD* 11, p. 395; *DJD* 15, p. 52; *DJD* 26, p. 115; Sukenik, 1955, gravura 36; Trever, 1974, p. 78; Tov, 2001, p. 111, 216 e 220; Würthwein, 1995, p. 4, 158 e 159; Swete, 1989, p. 39 e Francisco, 2008a, p. 635.

⁷⁸ Cf. Bright, 1980, p. 560; Mackenzie, 1984, p. 68; Treballe Barrera, 1996, p. 79; Gottwald, 1988, p. 78, 110 e 122 e Francisco, 2008a, p. 640.

⁷⁹ Cf. Ginsburg, 1966, p. 288-289; Tov, 2001, p. 218-219; Würthwein, 1995, p. 96, p. 100; Auvray, 1997, p. 11, Mackenzie, 1984, p. 24; Sáenz-Badillos, 1996, p. 16; Schramm e Schmitz, 1992, p. 204 e Francisco, 2008a, p. 640.

⁸⁰ Cf. Sáenz-Badillos, 1996, p. 113; Brotzman, 1994, p. 38; Würthwein, 1995, p. 3; Sellin e Fohrer, 1978, p. 751-752; Treballe Barrera, 1996, p. 100; Tov, 2001, p. 219 e Francisco, 2008a, p. 635.

texto totalmente reescritos e adaptados ao novo padrão de escrita. Segundo alguns estudiosos, a transição teria sido gradual e, possivelmente, pode ter sido concluída por volta do século III a.C. Alguns livros bíblicos escritos após o exílio babilônico teriam seu texto compostos, originalmente, já na escrita quadrática.⁸¹

A utilização da escrita quadrática pelos judeus é evidenciada já no período do Novo Testamento, pois há uma passagem do Evangelho de Mateus em que Jesus Cristo faz referência à menor letra do novo alfabeto hebraico: “ (...) porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só *i*, uma só vírgula da Lei, (...)” (cf. Mt 5.18). Nessa passagem, Jesus Cristo está se referindo à letra *yod* (י) do alfabeto quadrático, pois é a menor letra do mesmo.⁸² Dos cerca dos 200 manuscritos bíblicos encontrados em H̄irbet Qumran, que foram compostos entre o século III a.C. e I d.C., cerca de 184 são escritos no alfabeto quadrático.⁸³

Segundo os estudiosos, a escrita quadrática, depois de adotada pelos judeus, passou por três estágios de evolução, conforme se verifica pelos manuscritos de H̄irbet Qumran: 1. “escrita arcaica” (250 a 150 a.C.), 2. “escrita hasmoneana” (150 a 30 a.C.) e 3. “escrita herodiana” (30 a.C. a 70 d.C.). O hebraico se adaptou tanto ao novo alfabeto que até hoje todos os textos da Bíblia Hebraica, do Talmude, os comentários rabínicos medievais e textos não religiosos e mesmo modernos são escritos na escrita quadrada de origem aramaica.⁸⁴

O quadro a seguir mostra os nomes e alguns tipos de letras hebraicas usadas pelos judeus ao longo de sua história: a escrita quadrática ou assíria da época pós-exílica (letra de imprensa como encontrado atualmente no texto da Bíblia Hebraica), a escrita paleohebraica do período anterior ao exílio babilônico (o tipo escolhido aqui assemelha-se ao utilizado por volta do séc. VIII e VII a.C.) e a caligrafia hebraica típica dos manuscritos de H̄irbet Qumran (similar à escrita “hasmoneana” de 150 a 30 a.C.).⁸⁵

| nome da letra | abecedário quadrático ou assírio | abecedário paleohebraico | caligrafia de H̄irbet Qumran |
|------------------------|----------------------------------|--------------------------|------------------------------|
| <i>'alef</i> | א | 𐤀 | T |
| <i>bét</i> | ב | 𐤁 | C |
| <i>guimel</i> | ג | 𐤂 | D |
| <i>dalet</i> | ד | 𐤃 | S |
| <i>hê</i> | ה | 𐤄 | V |
| <i>waw</i> | ו | 𐤅 | U |
| <i>zayin</i> | ז | 𐤆 | Z |
| <i>het</i> | ח | 𐤇 | J |
| <i>tet</i> | ט | 𐤈 | Y |
| <i>yod</i> | י | 𐤉 | H |
| <i>kaf e kaf sofít</i> | כ ך | 𐤊 | M L |
| <i>lamed</i> | ל | 𐤋 | K |

⁸¹ Cf. Tov, 2001, p. 218 e Brotzman, 1994, p. 42.

⁸² Cf. Würthwein, 1995, p. 1; Brotzman, 1994, p. 38 e Trebolle Barrera, 1996, p. 100. No texto grego original, a letra grega mencionada é o *yota* (ἰωτα), cf. Nestle-Aland, 1993, p. 10. Na versão hebraica do Novo Testamento, a letra mencionada é *yod* (יוד), cf. Delitzsch, 1966/1998, p. 8.

⁸³ Cf. Tov, 2001, p. 104-105.

⁸⁴ Cf. Tov, 2001, p. 218 e Trebolle Barrera, 1996, p. 100.

⁸⁵ Cf. Tov, 2001, p. 409-410; Würthwein, 1995, p. 229; Trebolle Barrera, 1996, p. 725 e Hoffman, 1995, p. 19.

| | | | |
|----------------------------|-----|---|-----|
| <i>mem e mem sofît</i> | מ ם | מ | N O |
| <i>nun e nun sofît</i> | נ ן | נ | B ? |
| <i>samekh</i> | ס | ס | X |
| <i>‘ayin</i> | ע | ע | G |
| <i>pê e pê sofît</i> | פ ף | פ | P ; |
| <i>tsadê e tsadê sofît</i> | צ ץ | צ | I > |
| <i>qof</i> | ק | ק | E |
| <i>resh</i> | ר | ר | R |
| <i>sin/ shin</i> | ש | ש | A |
| <i>taw</i> | ת | ת | < |

c. Classificação fonêmica das letras do alfabeto hebraico

Pode-se classificar cada letra hebraica de acordo com seu valor fonêmico, conforme a tabela a baixo:⁸⁶

| labial ⁸⁷ | dental ⁸⁸ | palatal ⁸⁹ | velar ⁹⁰ | glotal ⁹¹ |
|----------------------|----------------------|-----------------------|---------------------|----------------------|
| פ | ט ט ת | י ש ש | ג ק כ | ע ה ה א |
| ב | ז ד צ | | | |
| מ | ל ר נ | | | |
| ו | | | | |

Abreviaturas

| | |
|------|----------------------------|
| A | Códice de Alepo. |
| col. | coluna. |
| frg. | fragmento. |
| l. | linha. |
| L | Códice de Leningrado B19a. |

Abreviaturas da série *Discoveries in the Judaean Desert*

| | |
|---------------|---|
| <i>DJD 3</i> | <i>Discoveries in the Judaean Desert 3</i> |
| <i>DJD 4</i> | <i>Discoveries in the Judaean Desert 4</i> |
| <i>DJD 5</i> | <i>Discoveries in the Judaean Desert 5</i> |
| <i>DJD 8</i> | <i>Discoveries in the Judaean Desert 8</i> |
| <i>DJD 11</i> | <i>Discoveries in the Judaean Desert 11</i> |

⁸⁶ Cf. Schramm e Schmitz, 1992, p. 207 e Jeffery, 1962, p. 554.

⁸⁷ Consoante labial é a consoante realizada com os dois lábios (bilabiais), como *b* e *p*, com o lábio inferior e os incisivos superiores (labiodentais), como *f* e *v*, cf. Dubois et alii, 2001, p. 357.

⁸⁸ Consoante dental é a consoante realizada com a aproximação do lábio inferior, da ponta ou do dorso da língua aos incisivos superiores, como *s*, *r* e *th*, cf. Dubois et alii, 2001, p. 171.

⁸⁹ Consoante palatal é a consoante fricativa (som caracterizado pela impressão de fricção ou de assobio), geralmente pós-alveolares ou pré-palatais, realizada no nível do palato duro, sendo acusticamente compacta e aguda, como *sh* e *j*, cf. Dubois et alii, 2001, p. 448.

⁹⁰ Consoante velar é a consoante realizada com a intervenção da parte posterior do véu palatal (céu da boca), como *k* e *g*, cf. Dubois et alii, 2001, p. 611.

⁹¹ Consoante glotal (também denominada consoante laringal) é a consoante realizada na glote (espaço geralmente triangular localizado entre as cordas vocais, com cerca de 16mm de comprimento). Os fonemas são realizados com uma abertura brusca da glote, cf. Dubois et alii, 2001, p. 311.

| | |
|--------|---|
| DJD 12 | <i>Discoveries in the Judaean Desert 12</i> |
| DJD 14 | <i>Discoveries in the Judaean Desert 14</i> |
| DJD 15 | <i>Discoveries in the Judaean Desert 15</i> |
| DJD 16 | <i>Discoveries in the Judaean Desert 16</i> |
| DJD 26 | <i>Discoveries in the Judaean Desert 26</i> |

Abreviaturas dos Manuscritos do Mar Morto mencionados no artigo

| | |
|--------------------------|--|
| 1QIs ^a | primeiro manuscrito de Isaías da primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 1QIs ^b | segundo manuscrito de Isaías da primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 1QpMq | <i>pesher</i> de Miquéias da primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 1QpHab | <i>pesher</i> de Habacuque da primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 1QS | Regra da Comunidade (<i>Serekh ha-Yahad</i>) da primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 1QH | Hinos de Ação de Graças (<i>Hodayot</i>) da primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 1QM | Regra da Guerra (<i>Milhamah</i>) da primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 2QEx ^b , | segundo manuscrito do Êxodo da segunda gruta de H̱irbet Qumran. |
| 3QpIs | <i>pesher</i> de Isaías da terceira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 3Q15 | Rolo de Cobre (<i>Maggillat ha-Nəḥoshet</i>) da terceira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QIs ^c | terceiro manuscrito de Isaías da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QpaleoGn ^m | décimo terceiro manuscrito do Gênesis em escrita paleohebraica da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QpaleoEx ^m | décimo terceiro manuscrito do Êxodo em escrita paleohebraica da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QpaleoDt ^s | décimo nono manuscrito do Deuteronômio em escrita paleohebraica da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QpaleoJó ^c | terceiro manuscrito de Jó em escrita paleohebraica da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QpNa | <i>pesher</i> de Naum da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QpSl ^b | segundo <i>pesher</i> de Salmos da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QpSl 37 | <i>pesher</i> do Salmo 37 da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QS ^d | quarto manuscrito da Regra da Comunidade (<i>Serekh ha-Yahad</i>) da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QShirShabb ^s | sétimo manuscrito dos Cânticos de Subida do Sábado (<i>Shirot 'Olat ha-Shabbat</i>) da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 4QAgasCreat | As Eras de Criação (<i>The Ages of Creation</i>) da quarta gruta de H̱irbet Qumran. |
| 11QSI ^a | primeiro manuscrito dos Salmos da décima primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 11QpaleoLv ^a | primeiro manuscrito do Levítico em escrita paleohebraica da décima primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 11QMelq | Melquisedeque, o Príncipe Celeste da décima primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 11QT | Rolo do Templo (<i>Maggillat ha-Miqdash</i>) da décima primeira gruta de H̱irbet Qumran. |
| 8HevXIIgr | manuscrito grego dos Doze Profetas da oitava gruta de Naḥal H̱ever. |
| CD | Documento de Damasco (<i>The Damascus Document</i>). |

Referências Bibliográficas

a. Edição da Bíblia Hebraica

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). (1997) *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.

b. Edições do Novo Testamento (Grego e Hebraico)

DELITZSCH, Franz (trad.). (1966/1998) *Hebrew New Testament*. London: Trinitarian Bible Society.

NESTLE-ALAND (eds.). (1993) *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.

c. Edição da Bíblia em Português

Bíblia de Jerusalém. (2002) Nova Edição, Revista. São Paulo: Paulus.

d. Edições dos códices de Leningrado B19a e de Alepo

FREEDMAN, David N. et alii (eds.). (1998) *The Leningrad Codex: A Facsimile Edition*. Grand Rapids-Cambridge-Leiden-New York-Köln: Eerdmans-Brill.

GOSHEN-GOTTSTEIN, Moshe H. (ed.). (1976) *The Aleppo Codex: Provided with Massoretic Notes and Pointed by Aaron ben Asher – The Codex Considered Authoritative by Maimonides*. Part One: Plates. Hebrew University Bible Project. Jerusalem: Magnes Press.

e. Edições dos Manuscritos do Mar Morto

ALLEGRO, John M. (ed.). (1968) *Qumrân Cave 4. I (4Q158-4Q186)*. *Discoveries in the Judaean Desert* 5. Oxford: Clarendon Press.

ALEXANDER, Philip S.; VERMÈS, Géza (eds.). (1998) *Qumran Cave 4. XIX: Serekh Ha-Yahad and Two Related Texts*. *Discoveries in the Judaean Desert* 26. Oxford: Clarendon Press.

BAILLET, Maurice; MILIK, Józef T. ; VAUX, Roland G. de (eds.). (1962) *Les ‘petites grottes’ de Qumrân. Exploration de la falaise. Les grottes 2Q, 3Q, 5Q, 6Q, 7Q à 10Q. Le rouleau de cuivre*. *Discoveries in the Judaean Desert* 3. Oxford: Clarendon Press.

SANDERS, James A. (ed.). (1965) *The Psalms Scroll of Qumrân Cave 11 (11QP^s)*. *Discoveries in the Judaean Desert* 4. Oxford: Clarendon Press.

SUKENIK, Eleazar L. (ed.). (1955) *The Dead Sea Scrolls of the Hebrew University*. Jerusalem: Magnes Press.

TOV, Emanuel (ed.). (1990) *The Greek Minor Prophets Scroll from Nahal Hever (8HevXIIgr) (The Seyâl Collection I)*. *Discoveries in the Judaean Desert* 8. Oxford: Clarendon Press.

TREVER, John C. (ed.). (1974) *Scrolls from Qumrân Cave I: The Great Isaiah Scroll, The Order of the Community, The Pesher to Habakkuk*. Jerusalem: The Albright Institute of Archaeological Research and The Shrine of the Book.

ULRICH, Eugene C. et alii (eds.). (1994) *Qumran Cave 4. VII: Genesis to Numbers*. *Discoveries in the Judaean Desert* 12. Oxford: Clarendon Press.

_____. (eds.). (1995) *Qumran Cave 4. IX: Deuteronomy, Joshua, Judges, Kings*. *Discoveries in the Judaean Desert* 14. Oxford: Clarendon Press.

_____. (eds.). (1997) *Qumran Cave 4. X: The Prophets*. *Discoveries in the Judaean Desert* 15. Oxford: Clarendon Press.

_____. (eds.). (2000) *Qumran Cave 4. XI: Psalms to Chronicles*. *Discoveries in the Judaean Desert* 16. Oxford: Clarendon Press.

f. Textos

- ANDERSEN, Francis I.; FORBES, A. D. (1986) *Spelling in the Hebrew Bible*. Biblica et Orientalia 41. Roma: Pontificium Institutum Biblicum.
- AUVRAY, Paul. (1997) *Iniciação ao Hebraico Bíblico*. Petrópolis: Vozes.
- BLAU, Joshua. (1972) “Hebrew Language, Biblical”. In: *Encyclopaedia Judaica*. vol. 16. Jerusalem: Keter, col. 1568-1583.
- BRIGHT, John. (1980) *História de Israel*. 5. ed. Nova Coleção Bíblica 7. São Paulo: Paulus.
- BROTZMAN, Ellis R. (1994) *Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction*. Grand Rapids: Baker.
- COHEN, Simon. (1948) “Hebrew Language”. In: *The Universal Jewish Encyclopedia*. vol. 5. New York: Universal Jewish Encyclopedia, p. 276-281.
- DRISCOLL, James F. (1910) “Hebrew Language and Literature”. *The Catholic Encyclopedia*. vol. 7. New York: The Universal Knowledge Foundation, p. 176-181.
- DUBOIS, Jean et alii. (2001) *Dicionário de Lingüística*. 8. ed. São Paulo: Cultrix.
- FRANCISCO, Edson de F. (2008a) *Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao Texto Massorético – Guia Introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova.
- _____. (2008b) “A Ortografia de 1QIs^a e de 1QIs^b e a Ortografia do Códice de Leningrado B19a e do Códice de Alepo: Diferenças e Semelhanças”. *Miscelânea de Estudos Arabes y Hebraicos* (sección Hebreo) 57, p. 125-148.
- GESENIUS, Wilhelm; KAUTZSCH, Emil; COWLEY, Arthur E. (1980) *Gesenius’ Hebrew Grammar*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press.
- GINSBURG, Christian D. (1897) *Introduction to the Massoretico-Critical Edition of the Hebrew Bible*. London: Trinitarian Bible Society (reimpr. New York: KTAV, 1966, com prólogo de Harry M. Orlinsky).
- GORDON, Cyrus H. (1976) “Hebrew Language”. In: *The Interpreter’s Dictionary of the Bible*, Supplements. Nashville: Abingdon Press, p. 392-394.
- GOTTWALD, Norman K. (1988) *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. 2 ed. Coleção Bíblia e Sociologia. São Paulo: Paulus.
- GREENSPAHN, Frederick E. (1980) “The Number and Distribution of ‘Hapax Legomena’ in Biblical Hebrew”. *Vetus Testamentum* 30, p. 8-19.
- HOFFMAN, Yair. (1995) “O Que é a Bíblia?/Séculos XIII/VI a.C.”. In: BARNAVI, Élie (org.), *História Universal dos Judeus: Da Gênese ao Fim do Século XX*. São Paulo: Cejup, p. 18-19.
- JEFFERY, A. (1962) “Hebrew Language”. In: *The Interpreter’s Dictionary of the Bible*. vol. 2. New York-Nashville: Abingdon Press, p. 553-560.
- JOHNSON, Paul. (1995) *História dos Judeus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- JOÜON, Paul; MURAOKA, Takamitsu. (1993) *A Grammar of Biblical Hebrew*. 2 vols. Roma: Pontificium Institutum Biblicum.
- KAHLE, Paul E. (1956) “The Masoretic Text of the Bible and the Pronunciation of Hebrew”. *Journal of Jewish Studies* 7, p. 133-153.
- _____. (1959) *The Cairo Geniza*. 2 ed. Oxford: Basil Blackwell.
- _____. (1962) “Pre-Massoretic Hebrew”. *Textus* 2, p. 1-7.
- KELLEY, Page H.; MYNATT, Daniel S.; CRAWFORD, Timothy G. (1998) *The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia: Introduction and Annotated Glossary*. Grand Rapids: Eerdmans.
- KELLEY, Page H. (1998) *Hebraico Bíblico: Uma Gramática Introdutória*. São Leopoldo: Sinodal.
- KUTSCHER, Edouard Y. (1972) “Hebrew Language, The Dead Sea Scrolls”. In: *Encyclopaedia Judaica*. vol. 16. Jerusalem: Keter, col. 1583-1590.
- LAMBDAIN, Thomas O. (2003) *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Paulus.

- LEVIAS, Caspar. (1916) “Hebrew Language”. In: *The Jewish Encyclopedia*. vol. 6. New York-London: Funk and Wagnalls, p. 306-310.
- MACKENZIE, John L. (1984) *Dicionário Bíblico*. 2. ed. São Paulo: Paulinas.
- Nova Enciclopédia Ilustrada Folha*. vol. 2. São Paulo: Publifolha, 1996.
- RABIN, Chaim. (s.d.) *Pequena História da Língua Hebraica*. São Paulo: Summus Editorial.
- ROSS, Allen P. (2005) *Gramática do Hebraico Bíblico para Iniciantes*. São Paulo: Editora Vida.
- SÁENZ-BADILLOS, Angel. (1996) *A History of the Hebrew Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SANDERS, James A. (1979) “Text and Canon: Concepts and Method”. *Journal of Biblical Literature* 98, p. 5-29.
- SCHRAMM, Gene M.; SCHMITZ, Philip C. (1992) “Languages (Hebrew)”. In: *The Anchor Bible Dictionary*. vol. 4. New York-London-Toronto-Sydney-Auckland: Doubleday, p. 203-214.
- SCOTT, William R. (1995) *A Simplified Guide to BHS: Critical Apparatus, Masora, Accents, Unusual Letters & Other Markings*. 3. ed. N. Richland Hills: BIBAL Press.
- SELLIN, Ernst; FOHRER, Georg. (1983) *Introdução ao Antigo Testamento*. vol. 1. 2. ed. Nova Coleção Bíblica 5. São Paulo: Paulinas.
- _____. (1978) *Introdução ao Antigo Testamento*. vol. 2. 3. ed. Nova Coleção Bíblica 6. São Paulo: Paulinas.
- SEOW, Choon-Leong. (1995) *A Grammar for Biblical Hebrew*. Revised Edition. Nashville: Abingdon Press.
- TOV, Emanuel. (2001) *Textual Criticism of the Hebrew Bible*. 2. ed. Minneapolis–Assen: Fortress Press-Royal Van Gorcum.
- TREBOLLE BARRERA, Julio. (1996) *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*. Rio de Janeiro: Vozes.
- VV.AA. *Vademecum Para o Estudo da Bíblia*. (2000) Associação Laical de Cultura Bíblica. Coleção Bíblia e História. São Paulo: Paulinas.
- WERNBERG-MØLLER, Preben. (1974) “Aspects of Masoretic Vocalization”. *Masoretic Studies* 1, p. 121-130.
- WÜRTHWEIN, Ernst. (1995) *The Text of the Old Testament: An Introduction to the Biblia Hebraica*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans.
- YEIVIN, Israel. (1980) *Introduction to the Tiberian Masorah*. *Masoretic Studies* 5. Missoula: Scholars Press.
- _____. (2003) *המסורה למקרא* (título em inglês: *The Biblical Masora*). *Studies in Language* 3. Jerusalem: The Academy of the Hebrew Language. (em hebraico)

Língua Grega: Aspectos Históricos e Características

Edson de Faria Francisco.
São Bernardo do Campo, fevereiro de 2010.

Introdução

Este é um texto sucinto sobre alguns aspectos históricos e características linguísticas gerais sobre a língua grega, especialmente, em sua forma conhecida como dialeto coínê, o qual é representado por vários documentos, principalmente pela Septuaginta e pelo Novo Testamento.

1. Língua Grega: Origem e Períodos

A língua grega (gr. ελληνική, grego; ἑλλάς γλώσσα, língua grega) é um idioma indo-europeu surgido na Grécia, por volta de 1500 a.C. O indo-europeu era uma língua muito antiga surgida, aproximadamente, por volta de 3000 a.C., sendo, igualmente, a origem dos seguintes grupos linguísticos: indo-iraniano (sânscrito, avéstico, bengali, hindi, persa, afegane, curdo etc.), balto-eslavo (lituano, letão, búlgaro, esloveno, servo-croata, russo, ucraniano, polonês, tcheco, eslovaco etc.), itálico (osco, falisco, úmbrio, volsco, latim etc.), germânico (anglo-frísio, alto-alemão, baixo-alemão, alemão, holandês, sueco, dinamarquês, norueguês, inglês etc.), céltico (gaélico, bretônico, irlandês, galês, bretão, gaélico escocês etc.), albanês (albanês), armênio (armênio), entre outras ramificações linguísticas.

O grego passou por várias fases de formação e evolução, sendo dividido nos seguintes períodos históricos:

Período formativo (c. 1500-900 a.C.). Época de Homero, o qual compôs a *Iliada* e a *Odisséia*.

Neste período surgiram dialetos gregos como o micênico, o ático, o dórico, o eólico e o jônico.

Período clássico (c. 900-330 a.C.). O dialeto ático destacou-se entre os demais, tornando-se a forma padrão e clássica da língua grega. Posteriormente, o dialeto ático tornou-se a fonte principal para a linguagem empregada pelos tradutores da Septuaginta e pelos escritores do Novo Testamento. Tal linguagem é conhecida como coínê.

Período coínê (c. 330 a.C.-330 d.C.). Após as conquistas de Alexandre Magno (336-323 a.C.), o grego transformou-se em língua universal e do comércio ao longo do mar Mediterrâneo e do Oriente Médio. A forma linguística que surgiu nesta época é conhecida como coínê, sendo utilizada no período de dominação grega e romana. Tanto o Novo Testamento como a Septuaginta foram compostos neste dialeto grego.

Período bizantino (c. 330-1453). Neste período, aconteceu a divisão do Império Romano durante o reinado do imperador Constantino Magno (306-337). A língua grega dessa época é conhecida como bizantina, por causa do nome dado à porção oriental do império (Império Bizantino), cuja capital era Constantinopla (atual Istambul), fundada em 330 d.C.

Período moderno (c. séc. XI em diante). A partir dessa época, surgiu o grego moderno, conhecido como demótico, o qual possui semelhanças como o dialeto coínê.

2. Dialetos

A língua grega teve várias formas linguísticas ao longo de sua história, desde os séculos XIV a.C. e X a.C., quando surgiram os primeiros dialetos como o micênico, o eólico, o dórico e o jônico, até o século XI d.C., quando surgiu o grego moderno conhecido como demótico. Até o século V a.C. não havia uma língua padrão unificada e cada cidade-estado grega tinha seu próprio dialeto. No fim do século V a.C., Atenas tornou-se o principal centro da cultura e da política da Grécia e em tal período, o dialeto ático veio a ser a forma padrão da língua grega. Os principais dialetos gregos são descritos, brevemente, a seguir.

Minóico (gr. μινωική) ou **micênico** (gr. μυκηναϊκή) (c. 1300 a.C.). É o grego primitivo surgido por volta de 1300 a.C. e empregava o alfabético silábico, conhecido como linear B. Foram encontradas tábuas de argila grafada com estilete que datavam de 1300 a.C. a 1150 a.C. A partir do início do séc. VIII houve a adoção do alfabeto grego adaptado do alfabeto fenício.

Eólico (gr. αἰολική) (c. 1300-900 a.C.). Forma grega mais próxima ao grego primitivo, sendo falado nas seguintes localidades: Lesbos, Beócia, Tessália e nas colônias eólicas da Ásia Menor. Este dialeto possui subdivisões linguísticas: lésbio, beócio e tessálio. Autores: Alceu e a poetisa Safo.

Dórico (gr. δωρική) (c. 1300-900 a.C.). Dialeto grego falado no Peloponeso, em Rodas, em Creta, na Cária, na Sicília, na Dórída e na Itália meridional (Magna Grécia). Este dialeto possui as seguintes subdivisões: lacônio, argólico, coríntio e cretense. Autores: Píndaro, Teócrito, Arquímedes, entre outros.

Jônico ou **iônico** (gr. ἰωνική) (c. 1300-900 a.C.). Dialeto grego usado na Jônia, que era a terra de Homero. Homero usou a forma jônica em suas obras: *Iliada* e *Odisséia*. Outros autores: Hesíodo, Hipócrates, Arquíloco, filósofos pré-socráticos, entre outros.

Ático (gr. ἄττική) (c. 900-330 a.C.). O dialeto grego conhecido como ático ou clássico foi uma derivação do dialeto jônico. O ático chegou ao seu apogeu durante a guerra dos gregos contra os persas (séc. V a.C.), sendo usado até o século IV a.C. Essa fase é marcada pelo apogeu da literatura grega clássica que durou do século VI a.C. ao século IV a.C. O ático foi a língua oficial do reino de Alexandre Magno e, posteriormente, também dos reinos de seus sucessores, os Diádocos (gr. sucessores). Durante a dominação grega dos Diádocos, Ptolomeu I Soter (323-283 a.C.) introduziu o ático no Egito e Selêuco I Nicátor (305-281 a.C.) o introduziu na Síria. Autores: Platão, Aristóteles, Heródoto, Tucídides, Xenofonte, Isócrates, Lísias, Demóstenes, Ésquines, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Aristófanes, Menandro, entre outros.

Aticismo ou **grego helenístico literário** (gr. ἀτιχισμός) (séc. I e II). Surgiu durante os dois primeiros séculos da Era cristã um movimento literário que buscava o uso de arcaísmos e formas clássicas que remontavam ao dialeto ático. Tal movimento é conhecido como “aticismo”, o qual era caracterizado por ser um tipo sofisticado de literatura e por ser, também, um tipo artificial de linguagem, tendo como padrão o dialeto ático do período clássico. O aticismo é percebido nos seguintes livros bíblicos: 1. na Septuaginta: Sabedoria de Salomão, Epístola de Jeremias, 2, 3 e 4 Macabeus e 2. no Novo Testamento: Lucas e Hebreus. O aticismo afetou a transmissão textual da Septuaginta, das obras de

Flávio Josefo, entre outras obras. O presbítero Luciano de Antioquia (séc. III d.C.) fez sua recensão do texto da Septuaginta, tendo como objetivo adaptar as formas do coine do texto bíblico grego para as formas do ático. Por exemplo, em seu trabalho de revisão da Septuaginta, expressões típicas do coine como ἐλάβοσαν (pegaram), εἶπαν (disseram) e τὸ ἔλεος (a misericórdia) foram substituídas pelas formas do ático como ἔλαβον (pegaram), εἶπον (disseram) e ὁ ἔλεος (a misericórdia). Os autores aticistas costumavam fazer correções ou adaptações das formas populares do dialeto coine em determinado texto grego para as formas clássicas do ático.

Coine (gr. κοινή) (c. 330 a.C.-330 d.C.). Este dialeto grego é conhecido como coine ou também como grego helenístico. O vocábulo grego κοινή significa “comum”, “profano” e o dialeto que leva esse nome é caracterizado por ser uma língua coloquial, comum, sendo conhecida pela maioria dos falantes da língua grega no período dos domínios grego e romano, abrangendo desde o tempo de Alexandre Magno (séc. IV a.C.) até o tempo de Constantino Magno (séc. IV d.C.). Morfologicamente, o referido vocábulo é a forma feminina do adjetivo κοινός (gr. 1. comum; 2. profano; 3. impuro, imundo). O dialeto coine era uma linguagem coloquial, simplificada, popular e vulgar do período helenístico. Era falado desde o alto Egito até a Mesopotâmia e ao longo do mar Mediterrâneo. Suas raízes são calcadas em vários dialetos gregos, mas, principalmente, no dialeto ático. Existem, igualmente, determinados vocábulos vindos dos dialetos jônico, dórico e eólico, estando presentes no léxico do coine. Além de unidades lexicográficas propriamente gregas, existem, da mesma forma, itens léxicos de procedência hebraica e aramaica, sendo presentes no léxico, na sintaxe e na gramática, e palavras de origem latina, copta e persa, sendo presentes no léxico.

Os autores do Novo Testamento não eram aticistas e não empregavam a língua da literatura grega clássica, porém, Lucas e Hebreus apresentam traços literários mais refinados baseados no dialeto ático. Durante o período bizantino (c. 330-1453) e de domínio turco sobre a Grécia (1453-1822), o dialeto coine continuou a ser usado com língua literária arcaizante. Desde meados do século XI, uma língua coloquial se desenvolveu, separadamente, tornando-se o dialeto demótico (o grego moderno), tornando-se a língua oficial da Grécia no século XX.

Fontes do dialeto coine: a Septuaginta, o Novo Testamento, os apócrifos do Novo Testamento, as obras de Epíteto, filósofo estóico (c. 60), as obras de Flávio Josefo (c. 90-100), autores patrísticos, escritores como Filon de Bizâncio, Apolodoro, Nicolau de Damasco (séc. II), entre outros.

Bizantino (gr. ἑλληνική) ou **medieval** (gr. μεσαιωνική) (c. 330-1453). A forma bizantina da língua grega é conhecida, também, como “coine bizantino”, no qual são encontrados empréstimos lexicais estrangeiros vindos do latim, do árabe e do armênio, além de apresentar características gramaticais e sintáticas próprias. O grego bizantino não era falado nas ruas, mas era uma forma da língua grega utilizada na literatura, sendo considerada artificial. O período bizantino é caracterizado, principalmente, por ser um período de rica produção de obras teológicas cristãs em língua grega, isto é, a literatura patrística oriental. O dialeto grego bizantino é encontrado nas obras dos seguintes autores: Justiniano I, João Crisóstomo, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, Basílio da Cesareia, João Filoponos, João Damasceno, João de Cesaréia, João de Citópolis, Leôncio de Bizâncio, Anastácio I de Antioquia, Hipácio de Éfeso, Eulógio de Alexandria, João

Clímaco, Germano de Constantinopla, Juliano de Halicarnasso, Teófanos de Bizâncio, Evágrio da Síria, entre outros.

Demótico (gr. δημοτική) ou **moderno** (gr. νεοελληνική) (c. séc. XI em diante). O dialeto demótico surgiu por volta do século XI, sendo a evolução natural do dialeto coínê. Atualmente, é falado por cerca de 11 milhões de pessoas na Grécia, em Chipre e em Creta. Após o período de independência da Grécia (1821-1832) do domínio turco, foi ressuscitada uma forma arcaica ou purista do grego conhecida como katharévoussa (gr. καθαρεύουσα, purista) como língua oficial do país. No século XX, houve a substituição deste dialeto pelo dialeto demótico, o qual era a linguagem popular. Durante o governo militar grego de 1967 a 1976 houve a tentativa de se restituir a forma katharévoussa como língua oficial, porém, o demótico acabou se firmando como língua cotidiana e como da literatura grega moderna. Consequentemente, o demótico tornou-se a língua oficial da Grécia. Autores: Dionysios Salomós, Nikos Kazantzakis, entre outros.

3. Grego da Septuaginta

O grego da Septuaginta possui forma semitizante em virtude do processo de versão do texto bíblico hebraico para o grego, sendo denominada “coínê semitizante” pelos eruditos. As palavras hebraicas passaram para o grego com sentidos mais amplos e com novos matizes semânticos. Com a versão da Septuaginta, houve a criação do léxico teológico grego que desta obra passou quase sem alteração para o texto do Novo Testamento. Segundo os eruditos, a Septuaginta é considerada uma ponte entre o grego ático e o grego coínê do Novo Testamento. A linguagem grega da Septuaginta não é uniforme, por causa dos vários tradutores que trabalharam em seu texto num período longo de tempo (desde o séc. III ao séc. I a.C. ou I d.C.). Por causa de tal situação, o texto da Septuaginta apresenta diversos níveis de compreensão e de conhecimento da língua grega por parte dos tradutores.

O grego da Septuaginta apresenta simplificações gramaticais, modificações em flexões em palavras e verbos, formas anômalas em numerais, entre outras características. A sintaxe é fortemente influenciada pelo original hebraico da Bíblia. A Septuaginta usa, constantemente, a conjunção *καί* (gr. e, mas) que corresponde à conjunção hebraica *וְ* (hebr. e, mas). O caso nominativo (caso que indica o sujeito da frase) substitui, frequentemente, o caso acusativo (caso que indica o objeto direto da frase), além da utilização da nova forma do superlativo que reproduz o estado construto (caso que indica posse, igual ao caso genitivo) do hebraico bíblico, como nos seguintes exemplos:

אֲדֹנָי הַאֲדֹנָיִם: κύριος τῶν κυρίων (Senhor dos senhores), cf. Dt 10.17.

הַקְּבָלִים הַקְּבָלִים: Ματαιότης ματαιότητων (vaidade das vaidades), cf. Ec 1.2.

מְלָכִים מְלָכִים: βασιλεὺς βασιλέων (Rei dos reis), cf. Ez 26.7.

שִׁיר הַשִּׁירִים: ᾠσμα ᾠμάτων (Cântico dos Cânticos), cf. Ct 1.1.

Além da versão para o grego dos livros bíblicos compostos, originalmente, em hebraico, alguns livros que constam no cânone da Septuaginta foram compostos diretamente em grego, como os seguintes: Sabedoria de Salomão, 2Macabeus e os acréscimos aos livros de Daniel e de Ester. Os estudiosos comentam que os livros bíblicos da Septuaginta possuem as seguintes características: o Pentateuco e Históricos são fiéis; Profetas e Salmos são literais; Cântico dos Cânticos e Eclesiastes são servis. Por último, Jó, Provérbios, Daniel e Ester são traduções livres. Na medida em que os livros afastam-se do bloco do Pentateuco a qualidade da tradução decai. Em relação à fidelidade à língua grega, os livros também não são homogê-

neos: Jó e Provérbios são bons; o Pentateuco, Josué e Isaías são versões medíocres, os outros livros são de qualidade inferior.

Inúmeras expressões e palavras vindas do hebraico são presentes na Septuaginta, dentre as quais destacam-se:

אַהֲבָה (amor, amizade): ἀγάπη (intensa afeição e atração), cf. Jr 2.2; Ct 7.7; Ec 9.1; φιλία (intensa atração para e predileção com respeito a), cf. Pv 5.19; 10.12; 15.17; 27.5; ἔρωσ (paixão sexual), cf. Pv 7.18.

אֱלֹהִים (Deus, deuses): θεός (Deus, deus), cf. Gn 1.1; 2.2.

אַמּוּנָה (veracidade, sinceridade, retidão, fidelidade): πίστις (fé, confiança, compromisso, fidelidade), cf. Jr 5.1; Os 2.20.

אַמְתָּ (verdade, veracidade, certeza): ἀλήθεια (verdade, fidedignidade, confiabilidade), cf. Dt 17.4; Is 59.14.

בְּרִית (pacto, aliança, acordo, contrato): διαθήκη (aliança, pacto, contrato, testamento), cf. Gn 9.13; Êx 23.32.

בָּשָׂר (carne, corpo): σάρξ (carne, corpo), cf. Gn 2.21; Lv 13.10.

הַלְלוּ יְהוָה (louvai a YH, aleluia): Ἀλληλουια (aleluia), cf. Sl 104.1 (Sl 104.35 no Texto Massorético); 117.1 (116.19 no Texto Massorético); 150.1, 6 (na Septuaginta e no Texto Massorético).

חֵכְמָה (inteligência, sabedoria, saber, erudição): σοφία (sabedoria, conhecimento, saber, ciência), cf. Êx 35.31; Jr 10.12; Pv 3.19; Ec 7.11.

יְהוָה (YHWH): κύριος (Senhor, senhor), cf. Gn 3.1; Êx 20.1.

כְּבוֹד (glória, esplendor, honra): δόξα (esplendor, glória, majestade), cf. Êx 28.2; Is 4.5; Jr 17.12.

לֵב ou **לֵבָב** (coração, mente, consciência): καρδία (coração, mente, consciência), cf. Êx 31.6; Is 65.17; Jr 5.23; Sl 7.11; διάνοια (mente, entendimento, inteligência), cf. Êx 28.3.

מִצְוָה (mandamento, preceito, norma, decreto): ἐντολή (mandamento, ordem, decreto), cf. Dt 6.1; Pv 6.23; Ec 8.5; 2Cr 8.14.

נֶפֶשׁ (fôlego, garganta, ser vivente): ψυχή (alma, vida, pessoa, criatura), cf. Gn 1.21; Êx 1.5; Lv 4.2; Dt 19.21.

עֵדָה (assembléia, comunidade): συναγωγή (reunião, comunidade), cf. Êx 16.22; Lv 8.3; Nm 16.2; Jz 21.16.

קְהָל (congregação, comunidade): ἐκκλησία (assembléia), cf. Dt 31.30; Jó 30.28; Lm 1.10; συναγωγή (reunião, comunidade), cf. Gn 48.4; Êx 16.3; Lv 16.17; Nm 10.7.

רוּחַ (vento, sopro, espírito): πνεῦμα (vento, sopro, espírito), cf. Gn 1.2; Nm 14.24; Js 2.11; Jz 9.23; Is 26.18; Ez 2.2; Os 12.2.

שְׂאוֹל (mundo inanimado, mundo dos mortos, túmulo, morte, *sheol*): ᾗδης (mundo dos mortos, morte, *hades*), cf. Sl 17.6 (Sl 18.6 no Texto Massorético).

שָׁמַיִם (céus, céu): οὐρανός ou οὐρανοὶ (céu, céus), cf. Gn 14.19; Êx 20.1; Is 45.8.

תְּבוּנָה (destreza, habilidade, talento, inteligência, perícia): διάνοια (mente, entendimento, inteligência), cf. Êx 36.1.

תּוֹרָה (ensino, instrução, ensinamento; lei): νόμος (lei, regra, norma), cf. Êx 12.49; Lv 7.7; Dt 33.4; Ez 7.26.

Existem determinadas expressões específicas do hebraico vertidas, de maneira quase literal, para o grego na Septuaginta, como:

וַיְהִי (e aconteceu, e houve): καὶ ἐγένετο (e aconteceu, e houve), cf. Gn 6.1; Êx 32.30; Nm 7.1; Js 1.1; Jz 1.1; 3Rs 6.1 (1Rs 6.1 no Texto Massorético).

יהוה צבאות (YHWH dos Exércitos): κύριος σαβαωθ (Senhor dos Exércitos), cf. 1Rs 15.2 (1Sm 15.2 no Texto Massorético); Is 6.3; 54.5.

עֶבֶד יְהוָה (servo de YHWH): παῖς κυρίου ou δοῦλος κυρίου (filho do Senhor ou servo do Senhor), cf. Js 1.13; Jz 2.8.

4. Grego do Novo Testamento

Uma das principais características do dialeto coínê do Novo Testamento é o fato de ser mais coloquial do que o coínê da Septuaginta, e como a antiga versão grega do Antigo Testamento, também apresenta vários elementos semíticos e traços do hebraico. Tal fato é o resultado de contatos com o texto da Septuaginta e com o texto da Bíblia Hebraica. Há três tipos de influência de semitismo no texto grego do Novo Testamento: 1. palavras com influência semítica; 2. influência na sintaxe e 3. semitismos resultantes da tradução do hebraico ou do aramaico para o grego.

O texto grego do Novo Testamento apresenta forma não homogênea e estão presentes vários níveis do coínê. O Evangelho de Mateus possui grego intermediário entre o grego superior de Lucas e o grego vulgar de Marcos, tendendo a melhorar a linguagem deste último em seu texto. O Evangelho de Marcos possui grego coloquial sem polimento, fazendo uso constante da conjunção καί (e, mas), além de apresentar forte influência da sintaxe hebraica e possuindo grande número de aramaísmos. O Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos apresentam texto de cunho muito culto, sendo próximos ao grego ático de Heródoto e de Tucídides. Em virtude dessas características, Lucas é considerado o autor mais acurado do Novo Testamento. O Evangelho de João e as epístolas de mesmo nome possuem grego puro no vocabulário e na gramática. As epístolas de Paulo apresentam coínê vernacular muito regular e percebe-se a influência da Septuaginta. A epístola aos Hebreus apresenta grego elegante, possuindo proximidades com o ático, além de respeitar as regras retóricas gregas. A epístola de Tiago possui coínê muito bom e regular. A epístola de 1Pedro possui grego mais próximo ao ático do que ao coínê. A epístola de 2Pedro demonstra coínê aprendido de livros. Apocalipse apresenta coínê muito comum, possuindo o nível mais baixo do grego do Novo Testamento. Neste livro bíblico, existem desvios gramaticais, havendo falta de concordância no gênero gramatical de substantivos e de adjetivos, além do uso trocado entre o nominativo (caso que indica o sujeito da frase) e o acusativo (caso que indica o objeto direto da frase). O autor possui pesada influência hebraica ou aramaica, apresentando a fala judeu-grega das sinagogas. O grego do Apocalipse é muito próximo ao linguajar do povo do mercado e da rua.

O Novo Testamento possui palavras gregas com novos significados e com campos semânticos alterados, além de atribuir roupagem nova a vocábulos antigos:

ἄγγελος (mensageiro, enviado, legado = anjo), cf. Mt 2.13; Lc 1.26; Ap 1.20.

ἀνάστασις (ereção, emigração, ação de levantar = ressurreição), cf. Jo 11.24; Ap 20.5.

γλώσσα (língua, idioma = dom de línguas), cf. At 2.4; 1Co 13.1.

διάκονος (servo, servente, criado = diácono), cf. Mt 20.26; 2Co 6.4; 11.23.

ἐκκλησία (assembléia popular, lugar de assembléia = igreja, a Igreja), cf. Rm 16.16; 1Co 12.28.

ἐπίσκοπος (supervisor, superintendente = bispo), cf. At 20.28; Fp 1.1; Tt 1.7.

μετάνοια (mudança de opinião, mudança de mente = conversão, arrependimento), cf. 2Co 7.9.

παρουσία (presença, visita de alguém especial, presença (invisível) dos deuses = volta de Cristo, advento messiânico de Cristo), cf. Mt 24.3; 1Ts 2.19; Fl 2.12.

πρεσβύτερος (ancião, velho = presbítero), cf. At 11.30; 15.2; 1Tm 5.1.

χάρισμα (favor, graça, benefício = carisma, dom espiritual), cf. 2Tm 1.6; 1Pe 4.10.

χριστός (ungido, untado, besuntado = Cristo), cf. Mt 2.4; Mc 1.1; Cl 3.24.

No texto original grego do Novo Testamento, existem, também, vários vocábulos tomados de empréstimo do latim, tais como os abaixo relacionados:

ἀσσάριον: *assarius* (asse), cf. Mt 10.29; Lc 12.6.
δηνάριον: *denarius* (denário), cf. Mt 18.28; Mc 6.37; Lc 10.35.
Καῖσαρ: *Caesar* (césar, imperador romano), cf. Mt 12.14; Lc 2.1; Fp 4.22.
κεντουρίων ου κεντυρίων: *centurio* (centurião), cf. Mc 15.39, 44, 45.
κῆνσος: *census* (censo, taxa, imposto), cf. Mt 17.25; 22.17; Mc 12.14.
κοδράντης: *quadrans* (quadrante), cf. Mt 5.26; Mc 12.42; Lc 12.59.
κολωνία: *colonia* (colônia), cf. At 16.12.
κουστωδία: *custodia* (custódia, corpo de guarda), cf. Mt 27.65; 28.11.
λεγιών: *legio* (legião), cf. Mt 26.53; Mc 5.9; Lc 8.30.
λέντιον: *linteum* (toalha), cf. Jo 13.4, 5.
λιβερτίνος: *libertinum, libertus* (libertino, liberto), cf. At 6.9.
λίτρα: *libra* (libra), cf. Jo 12.3; 19.39.
μίλιον: *milia* (milha), cf. Mt 5.41.
μόδιος: *modius* (alqueire), cf. Mt 5.15; Mc 4.21; Lc 11.33.
πραυτώριον: *praetorium* (pretório), cf. Mt 27.27; Mc 15.16; Jo 18.28; At 23.35.
σικάριος: *sicarius* (sicário), cf. At 21.38.
σουδάριον: *sudarium* (sudário), cf. Lc 19.20; Jo 11.44; 20.7; At 19.12.
φραγέλλιον: *flagellum* (flagelo, chicote, açoite, látigo), cf. Jo 2.15.

Existem, ainda, empréstimos de outras línguas que são registrados no texto original grego do Novo Testamento, tais como:

persa:

ἀγγαρεύω (compelir, convocar para o serviço), cf. Mt 5.41; 27.32; Mc 15.21.
γάζα (tesouro, erário), cf. At 8.27.
παράδεισος (paraíso), cf. Lc 23.43.

copta ou egípcio:

βάϊον (ramo de palmeira), cf. Jo 12.13.

Encontram-se no Novo Testamento grego várias palavras, expressões e nomes calcados no aramaico e os principais são os seguintes:

ἄββᾶ: אָבָא (pai), cf. Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6.
Ἑκελδαμάχ: אַקֵּלְדַמָּא (Hacéldama [campo de sangue]), cf. Mt 27.8; At 1.19.
Βηθεσδά: בֵּית־הַסְּדָא (Betsda [casa da misericórdia]), cf. Jo 5.2.
Βηθσαϊδά: בֵּית־צַיְדָא (Betsaida [casa da pesca]), cf. Mt 11.21; Mc 6.45; Lc 9.10.
ελωι ελωι λεμα σαβαχθανι: אֱלֹהֵי אֱלֹהֵי לְמָא שְׁבַקְתָּנִי (Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?), cf. Mc 15.34.
Γαββαθά ου Γαββαθα: גַּבְתָּא (Gábata [calçada]), cf. Jo 19.13.
Γεθσημανί: גֵּת־שֶׁמֶן ou גֵּת־שֶׁמֶןִים (Getsêmani [lagar de azeite]), cf. Mt 26.36; Mc 14.32.
Γολγοθᾶ: גּוֹלְגוֹתָא ou גּוֹלְגוֹתָא (Gólgota [crânio, caveira]), cf. Mt 27.33; Mc 15.22; Jo 19.17.
ἐφφαθά: אַפְתָּא (abra-te), cf. Mc 7.34.
μαμωνᾶς: מַמּוֹן (riqueza, posses), cf. Mt 6.24; Lc 16.13.
μαράνα θά: מָרְן אֱתָא (o nosso Senhor, vem), cf. 1Co 16.22.
ῥαββουνί: רַבּוּנִי ou רַבּוּנִי (meu mestre, meu senhor), cf. Mc 10.51; Jo 20.16.

ταλιθά κουμ: טְלִיחָא קוּמִי (menina levanta-te), cf. Mc 5.41.

São encontrados no texto grego do Novo Testamento vários vocábulos, nomes e expressões tomadas de empréstimo do hebraico, dentre as quais destacam-se:

ἀμὴν: אָמֵן (certamente, amém), cf. Mt 5.18; Mc 3.28; Lc 4.24; Jo 1.51.

Ἄρμαγεδών: הַר מְגִדוֹן (Armagedon [monte de Megido]), cf. Ap 16.16.

Βάαλ: בַּעַל (Baal, senhor), cf. Rm 11.4.

Βεελζεβούλ: בְּעַל־זְבוּב (Beelzebu, Belzebu), cf. Mt 10.25; 12.24; Mc 3.22; Lc 11.15.

Βελιάρου Βελιάλ: בְּלִיַּעַל (Belial), cf. 2Co 6.15.

Βηθανία: בֵּית־עַנְיָה (Betânia [casa da barca]), cf. Mt 21.17; Mc 11.11; Lc 24.50; Jo 12.1.

Βηθλέεμ: בֵּית לֶחֶם (Belém [casa do pão, casa do alimento]), cf. Mt 2.1; Lc 2.4; Jo 7.42.

γέεννα: גֵּיהֶנּוֹם (Geena [vale de Hinom]), cf. Mt 5.22; Mc 9.45; Tg 3.6.

ἡλι ἡλι λεμα σαβαχθανι: אֱלֹהֵי אֱלֹהֵי לָמָּה עֲזַבְתָּנִי (Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?), cf. Mt 27.46.

Ἱερουσαλήμ ου Ἱεροσόλυμα: יְרוּשָׁלַיִם (Jerusalém [cidade da paz?]), cf. Mt 23.37; Mc 11.15; Jo 2.23.

κορβάν: קֶרְבָּן (corbã, oblação), cf. Mc 7.11.

Μεσσίας: מְשִׁיחַ (messias, ungido, consagrado, Cristo), cf. Jo 1.41; 4.25.

Μόλοχ: מוֹלֶךְ (Moloque), cf. At 7.43.

πάσχα: פֶּסַח (páscoa), cf. Mt 26.2; Mc 14.1; Lc 2.41; At 12.4.

ῥαββί: רַבִּי (meu mestre, eu senhor), cf. Mt 26.25; Mc 9.5; Jo 1.38.

ῥακά: רָקָא (tolo, burro, insensato), cf. Mt 5.22.

Σαβαώθ: צְבָאוֹת (Sabaote, Exércitos, Hostes), cf. Rm 9.29; Tg 5.4.

σάββατον: שַׁבָּת (sábado), cf. Mt 12.8; Mc 2.27; Lc 6.7; Jo 5.9; At 1.12.

σαδδουκαίος: סַדּוּקִי (saduceu), cf. Mt 22.23; Mc 12.18; Lc 20.27; At 4.1.

σατάν ου σατανᾶς: שָׂטָן (Satã, Satanás), cf. Mt 4.10; Mc 1.13; Lc 10.18; Ap 2.9.

φarisαίος: פְּרִישֵׁי (fariseu), cf. Mt 23.26; Mc 3.6; Lc 7.36; At 23.6-9.

Referência Bibliográficas

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. (1988) “Escritores Gregos”. In: *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*. 2 ed. Coleção Patrologia. São Paulo: Paulinas, p. 497-529.

BAILLY, Anatole (ed.). (2000) *Le Grand Bailly - Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette.

BÍBLIA: Associação Laical de Cultura Bíblica. (2000) “O Grego dos LXX e do Novo Testamento”. In: *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Coleção Bíblia e História. São Paulo: Paulinas, p. 154-167.

BITTENCOURT, Benedito de P. (1984) “A Língua”. In: *O Novo Testamento: Cânon, Língua, Texto*. 2 ed. Rio de Janeiro-São Paulo: JUERP-ASTE, p. 51-68.

DICIONÁRIOS ACADÉMICOS: Ελληνο-Πορτογαλικό-Πορτογαλο-Ελληνικό Λεξικό - *Dicionário Grego-Português-Português-Grego*. (2004) Porto: Porto Editora.

FRANCISCO, Edson de F. (2008) “Septuaginta” e “Grego”. In: *Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao Texto Massorético – Guia Introductório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, p. 432-456 e 623-624.

FREIRE, Antônio. (1998) *Gramática Grega*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 247-260.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. (1984) *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova.

GIORDANI, Mário C. (1977) “A Literatura”. In: *História do Império Bizantino*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, p. 182-208.

- LASOR, William S. (1998) *Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, p. 1-6.
- MACKENZIE, John L. (1984) “Grego”. In.: *Dicionário Bíblico*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, p. 394-395.
- MITCHEL, Larry A.; PINTO, Carlos O. C.; METZGER, Bruce M. (1996) *Pequeno Dicionário de Línguas Bíblicas: Hebraico e Grego*. São Paulo: Vida Nova, p. 139-144.
- MURAOKA, Takamitsu. (2009) *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. Louvain-Paris-Walpole, MA: Peeters.
- PEREIRA, Isidro (ed.). (1998) *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 8. ed. Braga: Apostolado da Imprensa.
- REGA, Lourenço S.; BERGMANN, Johannes. (2004) *Noções do Grego Bíblico: Gramática Fundamental*. São Paulo: Vida Nova, p. 7-10.
- RUCK, Carl A. P. (1991) *Ancient Greek: A New Approach*. 2 ed. Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology, p. 208-215.
- RUSCONI, Carlo. (2003) *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus.
- SCHALKWIJK, Francisco L. (1998) *Coinê: Pequena Gramática do Grego Neotestamentário*. 8 ed. Patrocínio: CEIBEL, p. 4.
- SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. (trad.) (2004) *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, p. IX-XI.
- TAYLOR, William C. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Batista Regular, 1980.
- TREBOLLE BARRERA, Julio. (1996) “O Grego”. In: *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução: Introdução à História da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, p. 83-87.
- WOODRUFF, Archibald M. (2003) *Grego Se Entende*. Apostila, texto não publicado. São Paulo-São Bernardo do Campo: Seminário Presbiteriano Independente-Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, p. 1.